

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

COMISSÃO EXTERNA - INVESTIGAÇÕES DE QUADRILHAS NEONAZISTASEVENTO:
Audiência Pública Nº: 1083/09DATA: 13/07/2009INÍCIO: 14h00minTÉRMINO:
18h13minDURAÇÃO: 04h13minTEMPO DE GRAVAÇÃO: 04h13minPÁGINAS:
93QUARTOS: 51

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

HENRY CHMELNITSKY - Presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul.
CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Gerente Jurídico do Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense, em substituição a Fernando Antônio Kroeff, Presidente. **ADRIANO DUARTE** - Jornalista do *Jornal Pioneiro* de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. **CID MARTINS** - Jornalista da *Rádio Gaúcha* e *RBS TV*. **FÁBIO ALMEIDA** - Jornalista da *Rádio Gaúcha* e *RBS TV*. **JOSÉ ANTÔNIO DORNELLES DE OLIVEIRA** - Delegado da Polícia Federal. **DIANA CALAZANS MANN** - Delegada da Polícia Federal. **PAULO CÉSAR JARDIM** - Delegado da Polícia Civil. **ISIDORO DE SOUZA REZES** - Representante do Movimento LGBT do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO: Comissão Externa destinada a acompanhar as investigações a respeito da quadrilha de neonazistas articulada no Estado do Rio Grande do Sul, com células organizadas em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, e seus desdobramentos.

OBSERVAÇÕES

Reunião realizada na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Há oradores não identificados. Há termos ininteligíveis. Há falhas na gravação. Houve intervenções fora do microfone. Ininteligíveis. Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis. A reunião foi suspensa e reaberta. O reinício da reunião não foi gravado. Houve exibição de imagens.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Havendo número legal, declaro abertos os trabalhos desta Comissão Externa destinada a acompanhar as investigações a respeito da quadrilha de neonazistas articulada no Estado do Rio Grande do Sul, com células organizadas em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, e seus desdobramentos.

Estão aqui a Deputada Maria do Rosário e o Deputado Pompeo de Mattos. Agradeço a todos os convidados a presença, que, com certeza, em muito contribuirá para os trabalhos que estão sendo desenvolvidos pela Câmara dos Deputados. E esta é uma Comissão da Câmara dos Deputados, ou seja, estamos representando os 513 Deputados.

Nosso objetivo é justamente aprofundar essas questões, fazer a integração e a articulação entre os órgãos responsáveis pelo processo de repressão a esse tipo de crime, bem como propor, ao final, uma legislação.

Ressalto que, em virtude do mau tempo, não puderam comparecer alguns integrantes desta Comissão, cuja composição é muito interessante. Ela tem 2 representantes do Rio Grande do Sul, o Deputado Pompeo de Mattos e a Deputada Maria do Rosário, que têm tradição na defesa dos direitos humanos - o Deputado Pompeo inclusive presidiu a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados -, este Coordenador, Marcelo Itagiba, Delegado de Polícia Federal; 2 outros Delegados de Polícia Civil, João Campos, de Goiás, e

Alexandre Silveira, de Minas Gerais, e Carlos Sampaio, Promotor Público no Estado de São Paulo. Somos, portanto, afetos a esse tipo de trabalho e estamos conscientes da necessidade de haver uma intervenção drástica na disseminação do ódio racial em nosso País.

Antes de ouvir o primeiro convidado, o Dr. Henry Chmelnitsky, Presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul, vou passar a palavra à Deputada Maria do Rosário e, depois, ao Deputado Pompeo de Mattos.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Cumprimento o Delegado e colega Deputado Marcelo Itagiba, Presidente desta Comissão Externa, o Deputado Pompeo de Mattos, colega do Rio Grande do Sul, e todos os convidados.

Já há uma ordem preestabelecida pela Assessoria, e o Presidente a seguirá para convidá-los para compor a Mesa.

Serei muito breve nesta minha participação inicial, porque talvez tenha uma ou outra questão a fazer mais relevante do que o pronunciamento inicial.

Esta Comissão se insere numa tarefa que a Câmara dos Deputados deve cumprir, qual seja, a de zelar, no âmbito do regramento institucional brasileiro, da Constituição Federal, pelos princípios que organizam o nosso País. Esses princípios são os dos direitos humanos, da liberdade, da convivência harmoniosa e da ação clara e rigorosa do Estado contra toda forma de ódio organizado. De modo especial estamos tratando de ódio racial, do ódio ao ser humano pela sua condição diversa. E é condição inerente a cada um pertencer a uma etnia, professar um credo, participar de um grupo social ou, individualmente, ter orientação sexual diversa do que estes que têm ódio entendem adequado.

Queremos, com esta Comissão Externa, contribuir para que o trabalho das Polícias tenha êxito. E cumprimento a Polícia Civil gaúcha na pessoa do Delegado Paulo César Jardim; a Polícia Federal do Rio Grande do Sul, por intermédio do Superintendente Ildo Gasparetto, e a todos os membros da Polícia do País.

Em que pese a importância da composição desta Comissão, como disse o colega Marcelo Itagiba, o fundamental para nós é promover na sociedade brasileira uma consciência para que ela não se acomode, não julgue natural o ódio racial e denuncie claramente essa prática às polícias, levando ao conhecimento das autoridades.

Vejam que estamos diante de situações movidas por grupos organizados, que se articulam de forma interestadual e internacional e atuam inclusive em movimentos culturais e eventos esportivos - até mesmo entre torcidas organizadas, verificamos a possibilidade de haver iniciativas motivadas pelo ódio dos neonazistas contra quem não se assemelha a eles.

Portanto, num brado contra esse tipo de atitude, contra as iniciativas neonazistas, para dizer que o Brasil não aceita, em nenhuma perspectiva, as iniciativas e a organização neonazista de qualquer forma, com qualquer conteúdo, a Câmara dos Deputados organizou esta Comissão sob a coordenação do colega Delegado Marcelo Itagiba. E nós nos somamos a S. Exa., que, com certeza, fará um importante relato para que legislações, motivações e movimentações na sociedade brasileira sejam feitas com caráter social mais amplo, levando as pessoas a denunciarem grupos organizados ou iniciativas neonazistas no Brasil.

É uma grande responsabilidade estarmos aqui ao seu lado, Deputado Marcelo

Itagiba. E estamos sob sua coordenação para fazer um trabalho a serviço do nosso País.

Lamento que o Rio Grande do Sul tenha sido um dos pontos de partida. Mas o conhecimento sobre tais fatos não ocorreria se não houvesse um bom trabalho também de investigação, dado que é na névoa, no submundo que esses criminosos agem, e eles precisam ser trazidos à luz para que sejam combatidos, como o Estado brasileiro exige.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Obrigada, Deputada Maria do Rosário.

Passo a palavra ao Deputado Pompeo de Mattos para suas considerações iniciais.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Muito obrigado.

Cumprimento a todos, especialmente o colega Deputado Marcelo Itagiba, que tem prestado grande trabalho ao País na condição de Delegado da Polícia Federal e, especialmente, de Deputado Federal. Posso dar este testemunho porque S. Exa. presidiu a CPI das Escutas Telefônicas, uma CPI rumorosa, que suscitou muitas controvérsias e mexeu com meio mundo no Brasil. Tive a honra de ser seu comandado, pois integrei a CPI, na qual, como eu dizia, vivíamos um *Big Brother*, pois era um gravando o outro, que gravava o outro, que gravava o outro - estava todo mundo gravado. Impressionante. Com sua firmeza, postura, retidão e coerência, o Deputado Marcelo Itagiba conseguiu levar avante um tema complexo. E as escutas são importantes e necessárias na persecução do crime, sabemos disso. Eu diria que é um mal necessário ante o mal que aí está.

Por outro lado, usado indiscriminadamente, esse meio acaba sendo objeto de crime também. Mas o Deputado Marcelo Itagiba teve sapiência e firmeza na condução daquele trabalho, que resultou em indiciamentos e encaminhamentos. Eu diria que mudou o conceito das escutas telefônicas no País, o debate veio à tona.

Agora, não por acaso, S. Exa. chama para si esse outro tema bem delicado também.

Minha presença aqui é mais por escolha de S. Exa. do que por oferecimento meu. O Deputado me conhece e me disse: "*Pompeo, preciso de ti*". Convocou-me no corredor da Câmara dos Deputados. É verdade que tenho militância na área - participei de várias CPIs importantes. Tive a honra de participar da CPI do Narcotráfico, uma CPI que realizou um trabalho essencial com a ajuda da Polícia Federal do Brasil. Eu mesmo fiquei um tempo sob a guarda da Polícia Federal por conta das ameaças que recebi, não só eu, mas vários colegas Parlamentares daquela CPI. Atuei também na CPMI do Roubo de Carga e na CPI do Sistema Carcerário, tenho noção dessa realidade.

Pois bem. O Deputado Marcelo Itagiba me convidou e não precisou repetir, porque respondi de pronto: "Estou contigo". E, quando vi a Deputada Maria do Rosário, pensei: "Será melhor ainda". A Deputada Maria do Rosário é uma guerreira, é uma Deputada de ação, de atitudes, com prática, com experiência, com muita firmeza e determinação. Portanto, orgulho-me de estar ao lado de S.Exa., que orgulha a bancada gaúcha no Congresso Nacional.

Reiteradas vezes, tenho dito que a Deputada Maria do Rosário é excepcional. E eu dou esse testemunho pelas suas ações. Presidi a Comissão de Direitos humanos e sei do trabalho de S. Exa., especialmente na questão da criança e

do adolescente. Portanto, Deputado Marcelo Itagiba, esta Comissão representativa da Câmara dos Deputados ganha importância por ter a Deputada Maria do Rosário, além do Deputado João Campos, que é uma bela figura humana, um excelente Deputado; do Deputado Alexandre Silveira, também Delegado, e do Deputado Carlos Sampaio, Promotor de Justiça, com quem também já trabalhei em outras Comissões e que é uma ótima figura lá de Campinas, São Paulo.

Então, temos tudo para fazer um bom trabalho. E, ainda assim, se isso fosse pouco, temos aqui a Polícia Federal do Brasil e as Polícias do Estado do Rio Grande do Sul - e quero me deter um pouco nesse ponto, para me referir à Polícia Civil do Rio Grande e homenagear as delegadas e delegados, os inspetores, os investigadores. É muito fácil criticar policial e Deputado. Deputado e policial são os que mais apanham neste País. Quando fazem, apanham porque fizeram; quando não fazem, apanham porque não fizeram. E estamos todos nesse mesmo barco.

É importante reconhecer o trabalho que desvendou essas quadrilhas aqui no Rio Grande, em Caxias, em Teotônio, em Porto Alegre, e as ramificações para Santa Catarina e Paraná, mostrando que essa intolerância não é só lá na Europa, mas está no Brasil também, no Rio Grande, em Porto Alegre, até numa cidade do interior, às vezes até ao lado da nossa casa ou mesmo, se descuidarmos, dentro de casa.

Então, é importante chamamos para nós essa responsabilidade, para dar visibilidade ao tema, para fazer o enfrentamento, fazer o contraponto sobre tudo isso, até porque é inaceitável que, no ano de 2010 praticamente, ainda haja quem professe o nazismo, a exclusão de raças, como se houvesse uma raça pura, a raça ariana, a raça do Hitler.

O Brasil é um país pluriétnico, um país aberto, laico, aliás, um país que tem uma grandeza fantástica. Temos - quem sabe? - a maior área agricultável do mundo, temos o maior mar territorial do mundo, não temos maremoto, não temos terremotos, não temos brigas étnicas, não temos brigas religiosas, não temos guerras étnicas, não temos guerras religiosas, como outros países.

Então, temos uma série de vantagens. Temos um povo humilde, trabalhador. Por isso, quando alguém se levanta, precisamos abafar logo, para não dar chance ao azar. Essa ação que a Polícia Civil, a Polícia Federal e, agora, a Câmara dos Deputados chamam para si é muito importante.

Portanto, Deputado Marcelo Itagiba, quero parabenizar V.Exa. pela iniciativa e dizer que sou parceiro nessa caminhada, até porque o tema requer ações e atitudes como V.Exa. já tomou.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Agradeço a V. Exa. a manifestação.

Lembrou muito bem a Deputada Maria do Rosário que esta Comissão já teve uma iniciativa que resultou em sucesso: os ofícios expedidos à Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro e à Prefeitura de Macaé, no sentido de coibir espetáculo que ali seria realizado com bandas que professam ideologia neonazista.

O evento foi cancelado, e contribuimos para isso, a partir do momento em que instamos o Prefeito da cidade e a Secretaria de Segurança Pública para que adotassem medidas repressivas no caso de ser tocada naquele local qualquer coisa que atentasse contra a nossa Constituição e aos princípios democráticos

brasileiros.

A imprensa tem me perguntado por que começamos pelo Rio Grande do Sul. E a resposta que dou sempre é a seguinte: porque a Polícia do Rio Grande do Sul começou um trabalho positivo, ou seja, deu o ponto de partida para que essa organização criminosa fosse identificada e pudesse sofrer as consequências da lei. Então, a razão primeira pela qual começamos pelo Rio Grande do Sul é o trabalho desenvolvido aqui pelo Delegado Jardim. Sem mais, convido o Sr. Henry Chmelnitsky para tomar assento à Mesa e proceder a sua manifestação inicial.

Antes, porém, peço a atenção dos senhores presentes para as normas estabelecidas no Regimento Interno da Câmara dos Deputados.

O tempo concedido ao depoente será de até 20 minutos, prorrogáveis a juízo da Comissão, não podendo haver apartes nesse período.

Os Deputados interessados em interpelar os expositores deverão inscrever-se previamente perante a Secretaria - e já estão inscritos os Deputados presentes. Cada Deputado inscrito terá o prazo de 3 minutos para fazer suas indagações, dispondo o depoente de igual tempo para a resposta, facultadas a réplica e a tréplica pelo mesmo prazo.

Com a palavra, então, por 20 minutos, o nobre depoente, que, com certeza, pela sua luta pelo seu ativismo nas Associações Judaicas do Estado do Rio Grande Sul, em muito poderá contribuir para os nossos trabalhos.

O SR. HENRY CHMELNITSKY - Nobres Deputados e demais presentes, boa tarde.

É de grande valia esta iniciativa da Câmara Federal, pois este é um assunto que não pode se prolongar, é um assunto que tem de ser atacado na raiz, e esse tipo de iniciativa, somado à da Secretaria da Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul, por intermédio da sua Polícia Civil e do Delegado Jardim, realmente nos indica que teremos a erradicação desse mal da nossa sociedade.

Vivemos num Estado com grande diversidade cultural. O Rio Grande do Sul abrigou diferentes culturas, diferentes migrações, e elas sempre conviveram de forma harmoniosa e construíram um Estado extremamente sólido dentro dessa diversidade.

Há 4 anos, houve um movimento mundial, e um grupo de *skinheads* atacou 3 jovens que estavam usando solidéu. Casualmente, um deles nem judeu era. Esses jovens foram atacados na Cidade Baixa, e a forma como isso foi feito indicava a existência de um movimento organizado, um movimento preparado, porque técnicas de proteção uns aos outros foram aplicadas.

Quando visitamos um desses jovens no pronto-socorro, a surpresa e a sensação de dor foi enorme: o rapaz estava extremamente machucado fisicamente e extremamente traumatizado psicologicamente com o que se processara.

De outro lado, nos últimos anos, temos tido um aumento de pichações de suásticas. É evidente que pichação de suástica não é um elemento novo, não é um algo que começou agora, e é fruto da proximidade com a Argentina. Esse fato sempre abrigou na nossa sociedade um espaço, senão importante, pelo menos um espaço aberto. Mas, nos últimos anos, a forma como esse movimento tem se organizado está sendo aprimorada, e a quantidade de pichações aumentou.

Violação de cemitérios é outro assunto importante, não violação única e

exclusivamente para roubar o bronze, mas, sim, para deixar mensagens antissemitas nos locais judaicos.

Aliás, posso dizer que a comunidade judaica - não só a rio-grandense, mas a comunidade judaica brasileira -, com certeza, está feliz com esta audiência. A comunidade judaica está vendo que, no que diz respeito às diferenças, à igualdade e ao tratamento que precisa ser dado, a Câmara Federal lidera, vem e busca as respostas. O silêncio, com certeza, é nosso maior inimigo. Não podemos nos calar. É obrigação de cada cidadão deste País lutar, e lutar bravamente, pela manutenção dos direitos que constam da nossa Constituição e não discriminar qualquer tipo de pessoa. Não importa a cor, o credo religioso, nenhum tipo pode ser discriminado, e nós sempre estaremos ao lado dos movimentos que buscarem erradicar esse tipo de situação de nossa sociedade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Concedo a palavra à Deputada Maria do Rosário, para, caso deseje, fazer seus questionamentos.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Quero apenas cumprimentar o Dr. Henry e, por seu intermédio, toda a comunidade judaica do Rio Grande do Sul, a Federação Israelita do Rio Grande do Sul e do Brasil e dizer que seu pronunciamento destaca o quanto esse trabalho é importante para todo o Brasil, não apenas para aqueles segmentos que são atingidos diretamente pelas manifestações neonazistas. Isso porque, quando os neonazistas agem, atingem o sentimento de brasilidade, o sentimento de pátria que estamos construindo, o sentimento de sermos um país livre em que todas as etnias e todas as pessoas devem ter os mesmos direitos assegurados.

Portanto, as manifestações neonazistas são contrárias à democracia, ao Estado brasileiro, são contrárias à liberdade e devem ser repudiadas por todas as autoridades e por todos os cidadãos. Todo cidadão brasileiro deve sentir que é uma responsabilidade sua zelar para que ninguém seja atingido por manifestações neonazistas no País e, mais do que isso, fazer com que essas manifestações não existam no Brasil. Não é, portanto, uma vigilância que cabe apenas às autoridades. Ela está para além das autoridades, todos nós devemos agir denunciando.

Pergunto ao Dr. Henry, Deputado Marcelo Itagiba, se é possível, no âmbito da Federação Israelita, não necessariamente neste momento, mas, no decorrer dos nossos trabalhos, fornecer à Comissão algum relatório sobre essas manifestações como a ocorrida na Cidade Baixa e outras situações de que se tem conhecimento no Brasil, inclusive para que procuremos entender como agem os que se organizam como neonazistas. Que tipo de prática eles realizam? Que prática comum há entre aqueles que agem na Cidade Baixa e os que agem no interior do Estado do Rio Grande do Sul ou na fronteira ou numa manifestação cultural?

Isso porque, analisando essas práticas comuns, poderemos identificar laços e organizações que atuam conjuntamente.

Segundo o Deputado Itagiba, provavelmente iremos a outros Estados, como Paraná, Santa Catarina e São Paulo. Então, para verificarmos esses nexos, interessa-nos conhecer a prática, a maneira de agir desses grupos neonazistas.

De forma que, posteriormente - e, com certeza, vamos demorar mais de 1 mês neste nosso trabalho, porque teremos essas 4 audiências em Estados diferentes -, se a Federação puder contribuir com algum documento que contenha informações que possam ser apresentadas por escrito, seria de

grande valia para o nosso trabalho.

Cumprimento V.Sa. mais uma vez.

O SR. HENRY CHMELNITSKY - Obrigado, Deputada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Concedo a palavra ao Deputado Pompeo de Mattos, para formular seu questionamento. Depois, então, V.Sa. poderá responder aos 2 Deputados.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Naturalmente, quero cumprimentar o Dr. Henry, pois sei do trabalho da Federação Israelita no Rio Grande do Sul e no País como um todo. Aliás, lembro-me de episódios acontecidos na Argentina, como o ataque à Embaixada de Israel, episódios lamentáveis. Estive há algum tempo naquele país, e um amigo meu, o Bruno Huck, da Comissão de Direitos Humanos argentina, com quem tenho uma relação muito próxima, disse que na Argentina há um problema grave, porque lá eles acabaram com todos os negros. Não há negro na Argentina, porque eles acabaram com os negros. Naturalmente não foi uma concepção de pátria, de país, de governo, mas uma atitude de convivência. Deixaram que acontecesse.

E essa questão do nazismo cresceu, cresceu tanto, que acabaram com os negros. O passo seguinte seria acabar com os judeus. Assim, não raro, vemos os episódios lamentáveis que acontecem na Argentina nesse sentido.

Então, não é que estejamos aqui fazendo tempestade em copo d'água. Não! O fato é concreto, as coisas estão acontecendo, são absolutamente verdadeiras e temos de matar o mal pela raiz.

Aliás, quero aqui, Deputado Marcelo Itagiba, fazer uma comparação com uma história que um amigo meu contava. Ele e um amigo estavam andando de carro no interior e, ao atravessarem os trilhos de uma estrada de ferro, veio um trem e atingiu a Kombi em que estavam, uma Kombi velha. Com o acidente, o amigo do meu amigo ficou meio ruim da memória e com um problema de cabeça. Algum tempo depois, ao subir a avenida principal da cidade em que morava, viu numa vitrina de loja um ferrorama, esses trenzinhos de brinquedo que ficam andando em círculo. Ele entrou, pegou um taco de beisebol e quebrou todo o trem. Chamaram a Polícia, prenderam-no e pediram que desse uma explicação. Ele, então, disse: *"Tem de matar esse bicho aí enquanto é pequeno, porque um desses, depois de grande, matou o meu compadre"*.

Claro que é uma brincadeira, mas para dizer absolutamente a verdade: é preciso cuidar enquanto é pequeno, porque, depois de grande, começa a matar um aqui, outro lá, outro acolá. Então, é preciso que haja uma reação muito séria.

Sei bem da luta da Federação Israelita, primeiro, pelo fato de que ela tem sido vítima. E tenho acompanhado isso muito de perto, desde o tempo em que o Isaac Ainhorn, meu colega de partido me orientava sobre vários aspectos.

É importante que compreendamos e deixemos claro que qualquer ação feita contra judeus, qualquer ação antissemita no Brasil, não é contra judeu, é contra o País, é contra os brasileiros, é contra a democracia, é contra a sociedade, é contra a brasilidade. Nós nos sentimos atingidos tanto quanto.

Por isso peço a V.Sa., em relação a esse episódio específico que, na época, li nos jornais, o dos jovens que foram atacados na Cidade Baixa e que resultou até em traumatismo - nem sei se a Polícia tem esses dados - que ofereça esses dados à Comissão, para que sirvam de subsídio ao eminente Relator, Deputado Marcelo Itagiba, e de documento para os nossos Anais.

Assim, poderemos trabalhar e mostrar casos concretos, além desses que a Polícia Civil, especialmente a do Rio Grande do Sul, já levantou, e poderemos resgatar outros, como disse a Deputada Maria do Rosário, para termos os fatos concretos: tal dia, tal pessoa, em tal lugar, fez tal coisa de tal maneira. E, desse modo, não deixar margem a que se imagine que estamos aqui numa ilusão ou que as coisas não são assim. Não, realmente, na prática, as coisas acontecem. Então, deixo essa invocação a V.Sa. no sentido de que nos documento, que nos traga aquilo que tem lá, em especial sobre esse caso que V.Sa. relatou e que resultou em lesões em jovens ligados à Federação Israelita.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quero aproveitar e levantar uma questão - e, assim, V.Sa. já responderia a todos nós.

O SR. HENRY CHMELNITSKY - Por favor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Veja V.Sa. como as coisas são na verdade. Em 3 de outubro de 2007, fiz um ofício dirigido ao Procurador-Geral da República tendo em vista os abomináveis acontecimentos ocorridos logo após um jogo de futebol entre o Internacional e o Grêmio, com grave ofensa aos direitos humanos e ampla divulgação na mídia, envolvendo 3 jovens que dizem fazer parte da torcida organizada do Grêmio e se autointitulam *skinheads* na cidade de Porto Alegre. Foi uma evidente apologia ao nazismo, inclusive, com propaganda à suástica, o que, por si só, constitui crime capitulado no § 1º do art. 20 da Lei 7.716, de 1989, e instou imediata apuração de fato, o que se espera em face das competências constitucionais do Ministério Público.

E, por incrível que pareça, recebemos da Promotoria de Justiça e Defesa dos Direitos Humanos do Rio Grande do Sul, antes da criação desta Comissão, para vermos com as coisas evoluem, informação no seguinte teor:

"Porto Alegre, 4 de junho de 2008

Sr. Deputado, pelo presente, levo à cognição de V.Exa., em atendimento à determinação contida no § 1º do art. 9º da Lei 7.347, de 24 de julho de 1985, e no art. 16, § 1º, do Provimento nº 26/2008 da PGJ, a lavratura de promoção de arquivamento diante do objeto solucionado nos autos do procedimento IC-0197/2007, que investigou o potencial dano coletivo ou difuso da cidadania pelo noticiado fato: apologia ao nazismo por integrante da torcida organizada do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, para remessa ao egrégio Conselho Superior do Ministério Público, a fim de que a promoção de arquivamento seja submetida à apreciação".

Parece-me por demais estranho que isso tenha sido arquivado e não tenha sido dada qualquer informação das medidas adotadas pela Promotoria. A não ser que haja outra explicação plausível. Daí talvez seja interessante ouvir algum representante da Promotoria, em especial esse Promotor da 4ª Promotoria de Direitos Humanos, Renoir da Silva Cunha. Se as questões tivessem tido atacadas naquele momento talvez não estivéssemos hoje aqui tendo que dar continuidade a esse trabalho.

Então, pergunto a V. Sa, se V. Sa. tomou conhecimento dessa questão, se acompanhou esses fatos e se sabe o porquê do arquivamento.

Com a palavra o Dr. Henry.

O SR. HENRY CHMELNITSKY - Vamos começar pela sua afirmação. A Federação Israelita do Rio Grande do Sul teve conhecimento de todo o fato acontecido, mas não teve nenhum tipo de informação sobre o arquivamento

dessa sindicância.

Antes de responder à Deputada Maria do Rosário e ao Deputado Pompeo, considero importante destacar que a Federação Israelita assim como a Confederação Israelita do Brasil são instituições políticas que visam representar politicamente a comunidade judaica rio-grandense ou brasileira. A nossa atividade- fim não envolve nenhum tipo de movimento de investigação, ou pretende tomar a si algo que não lhe pertença como atividade-fim. Acho muito importante dizer - e esta é a mensagem que a comunidade judaica leva a seus federados -, que aquele ditado que diz que quem cala consente neste momento está causando um mal profundo.

Então, a nossa orientação, tanto aqui quanto em São Paulo, no Rio ou em qualquer capital, ou qualquer Estado do Brasil, sempre foi: procure sua delegacia e preste imediatamente queixa, fotografe, entregue à delegacia competente, porque a polícia do seu Estado e a nossa Polícia Civil do Rio Grande do Sul vai tomar as medidas e vai fazer aquilo que foi ponderado. Então, vai conseguir analisar os fatos, ver a ligação que existe entre essas atitudes para poder ir adiante. Essa é a nossa primeira mensagem.

É importante lembrar que o Deputado Estadual Adão Vila Verde desta Casa, no ano de 2007, representou o nosso Legislativo na solenidade de lembrança dos 84 mortos no prédio da Associação Mutual Israelita Argentina - AMIA, em Buenos Aires. Temos uma enorme preocupação com esses movimentos que, como a senhora e o Deputado mesmo afirmam, embora pareçam pequenos, insignificante, tornam-se muito perigosos. Quando uma escola, uma sinagoga ou algum prédio que abriga qualquer outra atividade sofre algum tipo de ataque nós, rigorosamente, vamos lamentar mortes, feridos, e isso vai importar em um conflito que não nos pertence, um conflito que a sociedade brasileira não tem no seu seio, na sua prática e que temos que combater ferrenhamente. A passividade, o silenciar é um crime. Não podemos ser passivos. Não podemos silenciar. É nossa obrigação, fruto desta Comissão constituída para analisar esses fatos de arquivamento de processo ou situação em que foi identificada alguma coisa. Não importa se a pessoa é ou não é. Houve a exposição e uma mensagem através dessa exposição, no momento em que arquivamos algo dessa espécie, estamos sendo coniventes com a evolução desse assunto. Espero ter respondido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Agradeço a V.Sa. a presença nesta reunião da Comissão. Agradeço as informações e insto V.Sa., através da Federação que o senhor preside aqui no Rio Grande do Sul, ou da própria CONIB, a fazer o encaminhamento a nossa Comissão Externa de dados que tenham chegado ao conhecimento, não só no âmbito estadual, mas nacional, a fim de que possamos aprofundar ainda mais o assunto. Fiz uma solicitação ao Departamento de Polícia Federal em Brasília para que coloque um delegado de polícia e uma equipe para interagir conosco na Comissão e fazer um trabalho de assessoramento e de investigação junto com esta Comissão. Estamos aguardando a manifestação do Sr. Diretor-Geral da Polícia Federal. Pelo que me foi dito pelo diretor da área de crime organizado isso será imediatamente providenciado. Dessa forma poderemos integrar o Brasil todo nessa investigação em apoio àquilo que o Delegado Jardim já vem fazendo aqui no Rio Grande do Sul.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Deputado Marcelo Itagiba, só para reforçar aquilo que falei ao Dr. Henry, especificamente em relação a esse

caso da Cidade Baixa. Imagino que o senhor tenha dados, inclusive o nome das pessoas que sofreram as agressões, a identificação dos agressores. Enfim, juntar esses dados para a Comissão. Para nós são importantes esses fatos.

O SR. HENRY CHMELNITSKY - Nós fomos chamados através do fato que aconteceu. A Polícia Civil conduziu. Ela tem todos os documentos. Fomos visitar e prestar solidariedade àquele jovem que tinha sido agredido. Nossa prática é entender que a Polícia Civil sempre é que conduz qualquer tipo de assunto. Informamos, registramos a queixa imediatamente, quando necessário.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - A Polícia Civil tem esses dados todos?

O SR. HENRY CHMELNITSKY - Com certeza.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, vai chegar a nós.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Muito obrigado, Dr. Henry. Se necessitarmos, chamaremos o senhor novamente. Obrigado pelo trabalho que o senhor vem realizando aqui na Federação Israelita do Rio Grande do Sul.

O SR. HENRY CHMELNITSKY - Sempre à disposição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Por sugestão dos Deputados...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Quero agradecer ao Dr. Albert Poziomyck, que acompanha o Dr. Henry e é da comunidade. *(Pausa.)*

Dr. Henry, estou tomando a liberdade de agradecer ao Albert, um colaborador da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa há muitos anos aqui.

O SR. HENRY CHMELNITSKY - Ah, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quero registrar então a presença do Sr. Albert Poziomyck, que nos honra muito.

Gostaria, por sugestão dos Deputados que compõem esta Comissão, de ouvir em seguida o representante do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e, tendo em vista que a matéria está na Ordem do Dia, pelo que foi dito agora há pouco. Sabemos que nem a direção do Grêmio, nem a torcida do Grêmio tem qualquer coisa relacionada com esses movimentos de alguns indivíduos que são uma minoria e que vão ao estádio. Em vez de participarem e apreciarem o esporte, vão lá para disseminar o ódio entre as pessoas.

Passo a palavra a V.Sa., pelo tempo de 20 minutos, para fazer a exposição que desejar.

Agradeço ao Presidente do Grêmio por ter enviado V.Sa. para poder representá-lo nesta reunião.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Boa tarde a todos. Queria saudar o Deputado Marcelo Itagiba, o Deputado Pompeo de Mattos, a Deputada Maria do Rosário. Tenho a honra de acompanhar o profícuo trabalho de V.Exas. na defesa dos direitos humanos.

Em nome do Presidente do Grêmio, Duda Kroeff, peço desculpas por ele não ter podido estar presente. Pedi que aqui eu viesse representar o clube e trazer todos os esclarecimentos que se fazem necessários e são imprescindíveis para o imperioso trabalho desta Comissão tão bem presidida por V.Exa.

O Grêmio, em relação a esse tipo de comportamento verificado na sua torcida, por um período curto, considera que esta é uma das posturas mais repugnantes - desculpem o termo - e mais nojentas que um ser humano pode

adotar. Pode ser colorado, não tem problema. Pode ser qualquer tipo de comportamento religioso. Agora, discriminar, trazer o racismo para menosprezar o ser humano, acho isso realmente inominável.

Deputado Marcelo Itagiba, de antemão, acho que esta Comissão tem que ter lucidez e procurar o mais rapidamente possível, à luz dos acontecimentos que estamos verificando, infelizmente, na história da humanidade, elaborar uma legislação para coibir esse tipo de crime, que precisa de um repúdio veloz, imediato, porque, se esse comportamento doentio do ser humano deixar metástases, essas metástases não serão passíveis de ser extirpadas do meio social.

E digo isso também, empiricamente, lendo, aqui e acolá, alguma reportagem a respeito do que foi o nazismo e o que é o neonazismo. Vemos que o neonazista hoje normalmente é um jovem de classe alta, de classe bem aquinhada e, ao mesmo tempo, absolutamente vulnerável a esse tipo de ação. Então, eu atribuo a esse tipo de crime um caráter hediondo incomensurável, a ensejar que realmente haja uma reação imediata. Por quê? Esse neonazista de hoje, esse ser passível de se deixar levar por esse tipo de doutrina doentia - e é uma doença - assim o faz porque está buscando o civismo, a segurança, uma sociedade mais justa, mais equilibrada?

Desavisadamente, desavisadamente, ele acredita nisso. Se formos analisar hoje o que o neonazista prega, vamos ver que ele traz o nazismo como uma coisa boa, nega inclusive o holocausto. Então, vejam só os senhores o tamanho desse crime que utiliza o desavisado, aquela pessoa que está vulnerável, que está desprotegida, e, aproveitando-se dessa sua insegurança, faz com que ela acabe acreditando que o neonazismo é uma coisa boa, quando a gente sabe que é absolutamente um retrocesso. Como diz o Deputado Pompeo de Mattos, imaginar esse tipo de comportamento, em pleno ano 2010, é realmente um absurdo.

O Grêmio não ficou livre desse tipo de comportamento dentro da sua própria torcida, eis que nos idos de 2006, 2007, entre parte da sua torcida geral registrou-se um conflito - se não engano foi em um Grenal. Houve uma agressão com canivetes, o que ensejou ferimento de um cidadão que era *punk*, se não me engano, ou *skinheads*, um desses movimentos sobre os quais depois o Delegado Jardim trará mais elementos para nós.

Mas o fato é que o Grêmio, tão logo tomou conhecimento, estupefato com essa atitude, pediu a intervenção da segurança pública, que identificou os elementos. Eu tenho até aqui o nome de 2 que foram imediatamente expulsos. Eu trago todos os elementos outros à Comissão. Se precisar também o Grêmio é a parte que tem maior interesse em trazer e contribuir diuturnamente com esse trabalho, porque justamente o futebol, a torcida é um lugar propício, um lugar bastante procurado por esse tipo de agente, porque é fácil, ali, no meio da multidão, escondido, como disse a Deputada Maria do Rosário, dentro da névoa, dentro da escuridão, dentro da multidão esse tipo de proliferação, que acaba por surtir os seus maiores efeitos.

A Deputada Maria do Rosário, assim como nós - e acho que esta Comissão está no caminho correto -, fala da necessidade de se fazer uma legislação rapidamente, que seja eficaz para combater, para matar, como disse o Deputado Pompeo, esse trem enquanto é pequenininho, porque depois de grande nem laço mais pega, e é verdade. (*Risos.*)

Então, vejam que a torcida do Grêmio mesmo, a própria torcida... Essa é uma

realidade. Depois, com o Delegado Jardim atuando eficazmente, como sempre, neste caso, esse movimento acabou sendo tolhido, graças a Deus, e, felizmente, não se teve mais notícia nenhuma dentro do Grêmio de que houvesse qualquer tipo de manifestação. Na época, houve uma bandeira do Grêmio com um símbolo da banda ECDC, junto ao qual iria uma suástica. Depois da ação policial houve a prisão dessas 2 pessoas aqui e essa bandeira não mais foi vista no Estádio Olímpico, felizmente, e nem se teve mais notícia também que a torcedores com a marca do Grêmio tivesse cometido qualquer tipo de ilícito fora do Estádio Olímpico.

Mas veja, Deputada, que, depois de identificados esses 2 elementos no seio da torcida do Grêmio, pregando esse tipo de neonazismo, estes tomaram uma surra da própria torcida e foram alijados, imediatamente. Ou seja, vejam que o próprio cidadão, a própria torcida se deu conta do quão grave era aquele comportamento e ela mesma se encarregou da punição. O Estado ali, praticamente, interveio no sentido de extirpar o mal. Vejam tal o repúdio do Grêmio e da sua torcida a esse tipo de comportamento.

Eu tenho aqui os nomes. Posso passar depois, Deputado, para que V.Exa. tenha os nomes dos 2 que foram envolvidos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - São esses 2 da fotografia aqui? (*Mostra fotografia.*) Seriam esses 2 da fotografia aqui.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Poderia dizer o nome?

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Eu poderia dizer o nome, Deputado: o Rafael Lenz - L, e, n, z.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Rafael Lenz.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - E Jonas Ávila Müller. São nomes também que devem estar, obviamente, no...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Eles foram identificados quando?

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Na oportunidade, Deputada, em 2006, 2007. Foi na época de uma agressão com o uso de canivete. O Delegado Jardim trará mais nomes, com certeza, no que se refere àquilo que envolveu o Grêmio Porto-Alegrense.

Quanto a esclarecimentos, o que eu tenho para os senhores até o momento é isso. Eu só queria me solidarizar com os senhores e dizer que o Grêmio continua à disposição, Deputado Pompeo, Deputada Maria do Rosário e Deputado Itagiba, para colaborar com tudo o que precisar.

Relativamente à questão do arquivamento, eu tenho trabalhado muito, enquanto Gerente-Executivo do Grêmio, como o Promotor Renoir, que esforços não mede no sentido de controlar a violência nas torcidas, tanto aqui, quanto a torcida de São Paulo. Ele trabalhou, inclusive fez pesquisas dos combates aos *skinheads*, na Europa.

Enfim, esse arquivamento talvez tenha se dado... Eu não conheço as razões pelas quais o Promotor Renoir arquivou esse expediente. Talvez, em relação a esse caso que envolveu o Grêmio e o Internacional realmente tenha havido solução. Até porque, como me disse o Delegado houve a repulsa da própria torcida, porque o Promotor Renoir atua no Ministério Público no combate não ao neonazismo de um modo geral, mas a casos relacionados às torcidas, ao comportamento da torcida, enfim, em cumprimento ao Estatuto do Torcedor, que é a Lei nº 10.671. Ele trabalha com esse fim. Obviamente que eu não vou aqui justificar para o senhor por qual razão esse processo foi arquivado, mas eu acharia interessante até que esta Comissão indagasse das razões, até para

ver se realmente surtiram efeitos os expedientes que foram feitos naquela oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Porque, na verdade, o que nos chamou a atenção não foi o fato do arquivamento, mas o fato de não explicar por que arquivou.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ou seja, o laconismo na informação que ele prestou à época. Então, acho que talvez, numa outra oportunidade, devêssemos de fato ouvi-lo, porque ninguém melhor do que ele poderia explicar a esta Comissão ou pessoalmente, ou até através de ofício, as razões que o levaram a fazer o arquivamento quanto à materialidade e a autoria que estavam mais do que comprovados. Se não cabia algo no âmbito dessa Promotoria Especial, que se encaminhasse ao promotor de direito, para que ele requisitasse a instauração de inquérito ou promovesse, já que havia materialidade e autoria, a devida ação penal. Essa é que é a questão que nos parece central nesse ponto.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Eu acho importante realmente saber as razões do arquivamento, porque se há materialidade, há nomes - e aqui trouxe mais 2 e o Delegado Jardim também tem outros -, é necessário saber realmente quais as razões para o arquivamento, dada à peculiaridade desse tipo de crime, porque, daqui a pouco, essas pessoas vão atuar de tal forma preparadas que, quando houver uma reação estatal, eles vão ficar na penumbra novamente. Acho que às vezes as razões pelos quais é arquivado devem ser melhor averiguadas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Concedo a palavra à Deputada Maria do Rosário, para fazer algum questionamento, alguma pergunta que queira.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Dr. Cláudio Silveira, meus cumprimentos. Certamente no seu pronunciamento fica claro que o posicionamento da instituição Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e da sua torcida não é o posicionamento de alguns que agem dessa forma. Acredito que isso é importante, até porque o futebol tem uma importância muito grande na nossa cultura. Independentemente do time para o qual torcemos -- o senhor sabe que sou colorado --, mas do ponto de vista do respeito ao coirmão, pode ter certeza de que existe de fato.

Dito isso, quero lhe fazer a seguinte pergunta: nenhum time de futebol e nenhuma instituição cultural de massa pode-se dizer, no Brasil, livre de situações como essa. No Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense houve essa situação em 2006 que o senhor relatou.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - 2007.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Uma manifestação específica que foi denunciada e depois arquivada. Em 2008, houve novamente uma situação de violência.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - A senhora está-se referindo aos tiros?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Isso. Muitas vezes são as mesmas torcidas envolvidas. Normalmente, há até uma coincidência. Lemos o nome de uma torcida num ano, no outro ano e no ano seguinte. Isso em si pode ensejar as direções do Grêmio uma preocupação com determinadas formas de agir dentro de algumas torcidas.

Tenho lido aqui. Não quero ser injusta, mas, por exemplo, a máfia tricolor

aparece várias vezes. A situação da dissidência de uma torcida. Enfim, uma coisa sobre a qual não tenho conhecimento por dentro, Dr. Cláudio - inclusive o senhor sintá-se à vontade para me corrigir se eu estiver enganada -, mas, pela leitura do trabalho jornalístico, é em relação a essa coincidência de origem em determinadas torcidas. Agora aconteceu novamente há poucos dias.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Sim, no jogo Grêmio e Cruzeiro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Então, está havendo ao longo dos últimos anos uma certa prática comum, que deve servir de alerta, se me permite, ao Grêmio, assim como deverá servir de alerta ao Internacional, ao Cruzeiro, ao Palmeiras e a todos os times de futebol do Brasil. Isso é uma prática danosa ao esporte e à festa popular, que é o futebol.

No caso do Grêmio - e no caso do futebol brasileiro, em geral - há alguma medida de expulsão dos quadros de associados, de dirigentes, daqueles que porventura foram dirigentes ou associados e tiveram manifestações relacionadas ao neonazismo ou mesmo à violência de um modo geral? Eu lhe pergunto sobre o Grêmio, mas com o conhecimento de futebol que o senhor tem pergunto se isso está no ordenamento das federações e das confederações no Brasil, porque essa é uma questão que podemos trabalhar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Se a Deputada Maria do Rosário me permitir, fica aqui uma pergunta.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Se não me engano, recentemente, nesse jogo que V. Exa. mencionou, um atleta do Grêmio teria chamado um atleta do Cruzeiro... É isso?

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Foi no jogo anterior, em Belo Horizonte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Teria chamado o jogador usando uma expressão pejorativa: "macaquito".

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - "Macaquito", o Max Lopes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sabemos que é uma expressão que os argentinos se utilizam para denominar os brasileiros de forma pejorativa. Acho que é importante, por exemplo, saber se o Grêmio tomou alguma atitude de multa, de punição desse atleta por essa prática, vamos dizer, discriminatória, em relação a um atleta brasileiro?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Diria ainda o seguinte - e farão os depoimentos os jornalistas. Por exemplo, o depoimento de um torcedor que saiu da chamada máfia tricolor para organizar uma outra torcida. Olha o que disse um torcedor que não quis se identificar. Ele disse o seguinte: *"Eles são extremamente racistas. Eles estão contra nós desde que colocamos a nossa bandeira do Lupicínio Rodrigues"*. Por quê? Porque aqueles que saíram escolheram Lupicínio Rodrigues e Everaldo para ser homenageados. Como os homenageados desses outros torcedores são um compositor negro do belíssimo hino do Grêmio e um herói do futebol do Grêmio, também negro, os membros da outra torcida não aceitam que as bandeiras e as homenagens sejam feitas a esses negros que integram a história do Grêmio.

Então, quem diz isso são alguns torcedores do próprio time. Pergunto-lhe ainda o seguinte. Há uma reportagem, Deputado Marcelo Itagiba, um material que foi compilado pela assessoria sobre um episódio de 2008, de sábado, dia 29 de novembro de 2008, que cita aqui que entre os envolvidos na situação de violência estariam membros da Geral do Grêmio, do chamado Geral Ataque

Surpresa, da Avalanche do Grêmio e ainda de um conselheiro do Grêmio.
Pergunto: esse conselheiro, se está envolvido, mantém-se como conselheiro?
O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Essa reportagem é em relação aos tiros?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - É.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É o Bruno Ortiz.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Bruno Ortiz. Ele se mantém? Porque ele é suspeito de participar da depredação do relógio do centenário do Beira Rio e ele teria sido armado na saída do jogo do Grêmio e Curitiba, na José de Alencar, e seria um dos líderes do Grenal. Enfim, é um conselheiro. O conselheiro é uma espécie de dirigente, um exemplo. Eu lhe perguntaria: ele se mantém nos quadros de conselheiro?

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Deputada, para responder essa pergunta faria 2 observações apenas. Uma relativamente à questão da torcida e ao tratamento da torcida organizada. Esse é um problema que todos os clubes do Brasil enfrentam, assim como na Europa. Realmente é o assunto do dia. Em relação às torcidas organizadas, o Procurador, o Eloá, é um promotor que atua muito nessa área e nos auxilia muito nesse sentido.

Para lhe responder essa questão eu faria a distinção entre o racismo -- esse que houve entre o atleta Max Lopes em relação ao Everaldo e ao Lupicílio Rodrigues -- e o neonazismo. Acho que aqui não podemos comparar no momento, porque a gravidade de um ou de outro... O Max Lopes jamais afirmou que disse ou não esse termo "macaquito", ou que esse termo "macaquito" tivesse esse sentido de fazer valer menos uma raça, de chegar a constituir crime de racismo. Ele também alegou à direção dizendo que passou o tempo todo sendo chamado de "argentino". *"Seu argentino, seu argentino"*. Evidentemente que não estou aqui defendendo o Max Lopes, pelo amor de Deus. Só estou dizendo que se formos interpretar isso com essa conotação, chamar de "argentino" seria também um racismo. Ou argentino é menos?

O SR. PREPESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ele Poderia ter chamado o jogador brasileiro de "brasileiro", não precisaria chamá-lo de "macaquito".

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Pois é. A conotação, a forma como é dita, Deputado.

Deputada Maria do Rosário, em relação à torcida, o que houve foi o seguinte - e aqui não vai nenhuma crítica às direções anteriores. Em dezembro agora houve uma grita com relação à direção do Grêmio, que cortou qualquer tipo de incentivo. Como se sabe, as direções anteriores incentivavam a torcida geral no sentido do transporte, do ingresso. Não tenho nada contra, é uma política do povo, só que na minha opinião deu errado, porque essa questão dos tiros, Deputada, foi devido justamente a um conflito interno de torcidas, porque uma ganhava mais benefício do que a outra, e acabou em crime. Não foi nada ligado a racismo, tanto assim que o presidente Duda Kroeff, ao assumir - e essa foi uma bandeira dele - cortou completamente o subsídio para a torcida organizada, o que ensejou protesto na última partida agora contra o Cruzeiro para tentar desta forma minimizar esses conflitos internos. O que acontecia? Eles acabavam vendendo ingressos entre si a preços maiores e acabavam reagindo contra a própria direção que não lhes dava benefício. Enfim, toda sorte de desorganização à torcida, que deveria ser organizada. É claro que a intenção da direção na época era das melhores, mas o fato é que não deu certo, e acabou do jeito que acabou.

Em relação ao conselheiro, quero dizer que ele foi guindado a conselheiro por integrar a torcida organizada. Ele não foi um conselheiro que passou a ser organizado, ele foi organizado que passou a ser conselheiro por iniciativa da direção de então.

Também, repito, não estou criticando. Eles entenderam que seria uma forma de pôr lá dentro um líder. Na verdade, esse cidadão não é líder. E esta direção, Deputada Maria do Rosário, está fazendo tudo, segundo o regulamento; ele está sendo processado pela Justiça Comum. A polícia está atuando no caso, investigando e estatutariamente o Bruno está tomando suas atitudes, como tomou (*Falha na gravação.*) tem que enfrentar. Felizmente, no que se refere ao neonazismo - e eu até comentava com o delegado - essa mesma torcida repudiou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Anuncio a presença do Deputado Professor Ruy Pauletti, que se encontra entre nós para prestigiar e auxiliar os trabalhos desta Comissão Externa da Câmara dos Deputados. Obrigado pela presença de V.Exa.

Com a palavra o Deputado Pompeo de Mattos

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sr. Presidente, quero cumprimentar o Dr. Clóvis Silveira. Conheço S. Sa., sei da sua história, da sua capacidade, do seu tirocínio, das suas habilidades, da sua seriedade, inclusive, no trato dessas questões como um todo. É óbvio que isso precisa vir à tona, mas é lamentável que seja com clubes de futebol da grandeza do Grêmio e do Internacional. Eu e a Deputada Maria do Rosário somos do Colorado. O Deputado Professor Ruy Pauletti é do Juventude, ou é do Caxias?

O SR. DEPUTADO RUY PAULETTI - Caxias.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É caxias no futebol. No dia a dia ele não é caxias.

A verdade é que o glorioso Grêmio, de tantas façanhas, neste final de semana fez mais uma façanha: ganhou de 3 x 0 do Corinthians. Fiquei com ciúme do Grêmio...

(Não identificado) - Com a zaga reserva ainda.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É. Acho que foi por isso que ganhou. Se fosse com a titular iria perder. A verdade é que deu um chocolate no Corinthians. Quisera nós pudéssemos ter feito isso...

(Não identificado) - Viu que o Colorado tinha razão, o Corinthians ia tomar 3 em Porto Alegre.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E, e tomou, mas tomou do Grêmio. Precisava tomar da gente. Lamentavelmente o Colorado perdeu lá em Curitiba, mas vamos reverter, temos fôlego. O Grêmio tem uma história bonita, o Colorado tem uma história bonita também.

A verdade é que esses fatos envolvem o Grêmio. Por exemplo, eles começam a remontar, é como o nazismo. Havia o nazismo. Aí foi-se o nazismo e veio o neonazismo. As pessoas dizem à boca pequena - e não quero fazer coro - que para enfrentarmos um problema, uma doença, uma dor, primeiro é preciso diagnosticá-la, constatar o problema. Se a pessoa não admite que tem o problema, nunca vai enfrentá-lo, até porque não acredita que ele sequer exista. Então, faz-se necessário o diagnóstico e, a partir daí, o prognóstico, o que fazer. Aí, conseqüentemente, ações e atitudes.

As pessoas dizem que o Grêmio, na sua história, desde o começo já não aceitava negro. Então, não falta um para tentar reverter esta história, quando

sabemos que é verdade. Sim, ao seu tempo não aceitava negro, mas depois foram os negros que fizeram as glórias do Grêmio. Como Presidente da Comissão de Direitos Humanos, sempre professei isso.

Criei-me numa família de negros. Minha família é do interior. Vim morar numa casa de negros, na cidade. Convivíamos na mesma casa, com humildade. Tenho esta compreensão.

Uma coisa é chamar um negro de "meu nego", outra coisa é chamar negro de "negro". É a mesma palavra, mas muda o jeito. Uma coisa é chamar argentino de "argentino", outra coisa é o jeito pejorativo de chamar o argentino de "argentino", assim como também de "macaquito". Como sabemos - não por acaso que falei aqui no começo -, a Argentina historicamente repudiou a questão da negritude, como de resto a questão desse elitismo que a Argentina deliberadamente parece que professa, ou é conivente com isso. Tanto que aquele zagueiro argentino Leandro Desábato, lá em São Paulo, foi parar na delegacia, depois de um jogo com o São Paulo, devido ao episódio envolvendo o jogador Grafite do São Paulo. É claro que temos esta preocupação. Sei também que o Dr. Duda Kroeff é figura extraordinária, dirigente o Grêmio e tem essas preocupações. Vi também no jogo contra o Cruzeiro, as manifestações das torcidas organizadas contra o Presidente Duda Kroeff. Achei positivo, pois demonstra exatamente a ação, a atitude. As torcidas organizadas levantavam palavras formadas por letras, uma ao lado da outra, iam levantando formando as letras de repúdio à direção; daqui a pouco levantavam outra palavra formada por letras separadamente. Não era nem faixa, exatamente para facilitar a entrada no estádio. Protestavam, especialmente a Geral e outras torcidas do Grêmio protestavam contra o Presidente Duda Kroeff. O que mostra, na minha convicção, é que o Grêmio está tomando atitude; o Presidente Duda Kroeff está tomando atitude. Se não são os nazistas que estão no meio, diria que a inspiração não é diferente. São ações antissociais de falta de respeito ao próprio clube, ao time, à equipe, aos seus jogadores, enfim. É importante que o Grêmio tome esta atitude, não por acaso, em relação ao episódio do relógio do Internacional, à questão, em 2006, 2007, dos neonazistas, dos tiros, depois do time do Cruzeiro cercado por muitos jogadores da Borges. Sei, porque moro na esquina da Borges e pude assistir à passagem deles para baixo.

Então, em relação a todos esses episódios é importante que o Grêmio haja, reaja, interaja, enfim, tome uma atitude, porque senão vão desencadear lá na frente. E isso não é um defeito que quero aqui dizer que seja só do Grêmio. Daqui a pouco isso contamina. O Colorado, que ainda não tem uma ação mais efetiva desses problemas, daqui a pouco está lá no meio, porque um estimula o outro. É importante que haja este enfrentamento.

Sr. Presidente, quanto ao Promotor, Dr. Renoir, vejo muitas lacunas e um vazio na explicação que ele deu. Não quero acreditar, nem quero professar um credo da razão, do porquê. Mas quero dizer que se reiterarmos este ofício, inclusive em nome da Comissão formada e que ganhou visibilidade, que ganha importância em função dos atos que sucederam àquele evento, tenho certeza de que as respostas virão com mais substância, com mais fundamento. Até porque pelo que sei, o Dr. Renoir é ativo, exigente, cobra, embora eu reconheça que foi evasiva a resposta, não teve, como diria o Dr. Brizola, "contiúdo" "faltou contiúdo". Não teve absolutamente nenhum conteúdo. Mas tenho certeza de que se V.Exa., em nome da Comissão de Representação

Externa da Câmara dos Deputados que preside, a quem servimos com muito orgulho, reiterar este ofício não tenho dúvida que virá com as expressões necessárias.

Tem uma afirmação que acho interessante que seja revista um pouco, em que pese esta ação do Presidente Duda Kroeff. Que o Grêmio como um todo revise essa questão das suas organizadas, até porque isso vai ajudar o futebol gaúcho. Tenho medo que isso daqui a pouco cresça, contagie, contamine. Então, que o Grêmio pudesse ter ações o quão mais duro possível, e públicas, abertas, expostas, porque esta é uma situação que está aí, não tem como tamparmos o sol com a peneira. o Grêmio é um time grande, ele criou aquele episódio em que a torcida vai descendo. É a chamada avalanche. É um ato bonito de ver. Um pouco perigoso, quem sabe, lá dentro, mas eu reconheço que quem olha se impressiona. Tem umas ações que no Grêmio são diferenciadas. É um time aguerrido, forte, um time que vem de camiseta. Às vezes a gente olha um pouco com ciúme. Às vezes o Grêmio nem tem um time tão bom, mas tem uma camiseta que pesa na hora e que, com a garra, se supera. Eu vejo que o Grêmio tem se superado, exatamente por esse estímulo. Que a torcida do Grêmio, pela direção seja vista nesse momento, nessa quadra, com essa atenção. Senão daqui a pouco quebra os (*ininteligível*) do Inter, tem os nazistas, é tiro, é gente entrando com protesto, agora contra o próprio presidente, esse moço que tem que ter uma ação mais efetiva, porque, em que pese todas as ações que estão fazendo, eles conseguem reagir. Têm uma articulação muito grande. Mas tem gente importante dentro do Grêmio ajudando essa articulação dessas torcidas, que chegam a se levantar contra a própria direção do Grêmio, dentro do próprio estádio do Grêmio, o que mostra o que mais eles podem fazer lá fora, se quiserem fazer.

Então, acho que tem que ter um pouco de atenção, porque me parece que tem algumas coisas lá dentro que daqui a pouco poderá desencadear lá na frente alguns episódios lamentáveis.

É a minha convicção e passo a V.Sa., com todo respeito ao seu trabalho, a sua capacidade. Acho que é a hora de reagir com mais firmeza. O presidente tomou algumas atitudes e eles estão endurecendo com o próprio presidente, eles não se contentam, não se rendem. Daqui a pouco, se não der eco lá no Grêmio, eles vão lá fora. Então é importante. É como se diz: mata esse trem enquanto pequeno, antes que nos atropele.

O SR CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - É verdade, Deputado Pompeo de Mattos, veja que o Presidente Duda Kroeff é tão despojado desse tipo de vaidade, enquanto Presidente do Grêmio, que a intenção dele realmente é resgatar aquele verdadeiro torcedor, nem que isso custe o preço do exercício da presidência. Tanto que enfrentou com tranquilidade o protesto, que foi pacífico, mas no sentido de fazer com que a torcida realmente se organize para o fim último, que é o futebol, desprovido-se daquela atitude de violência.

Porque, Deputado, aí é uma coisa que a gente não pode descuidar, isso refoge ao poder do Grêmio. O Grêmio, o Internacional, o São Paulo, enfim, a gente vê a situação enfrentada pelos clubes lá de cima; é a mesma coisa, é a violência que a sociedade quer fazer. Ali dentro está a pessoa que está desempregada, a pessoa que está querendo descarregar de alguma forma o seu protesto. Então isso acaba acontecendo porque se esconde no meio da multidão, isso foge ao controle, é muito difícil.

A intenção é essa, a presidência quer fazer isso. Só que controle de multidão é

muito difícil.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu quero dar uma sugestão, desculpe se insisto. Via de regra, no Brasil, no Rio Grande do Sul tem dado certo essa questão das câmeras de vigilância.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA - Eu vou chegar lá.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Acho que precisamos insistir, persistir, ampliar nos especializarmos, porque se tem alguém que se esconde na multidão para perpetrar crimes, para incentivar ou fazer a própria apologia do crime, e se valem exatamente da escuridão, do anonimato, as câmeras são elementos fantásticos. Não tenho certeza qual jornal publicou, parece-me que o *Zero Hora*, mas em Inhacorá - um município que não tem 3 mil habitantes, é do lado da cidade onde fui Prefeito, Santo Augusto. Tem Santo Augusto, Chiapeta e Inhacorá. Inhacorá emancipou-se há pouco tempo - o Prefeito mandou colocar câmeras de vigilância na cidade. Ele diz que é muito menos para vigiar os que estão lá, e mais para vigiar os que vão para lá. E via de regra em Novo Hamburgo, Porto Alegre.

Eu mesmo reivindiquei à Prefeitura Municipal câmeras na escadaria da Borges de Medeiros, que estava toda semana sendo assaltada; eu mesmo fui assaltado, vergonhosamente fui assaltado na frente da minha casa, na escadaria da Borges. E colocaram câmeras e terminou com a folia.

Desapareceram os assaltantes. Sei que tem uma série de ações que vão desencadear questão cultural, social, educacional. Mas enquanto isso não chega temos que fazer o enfrentamento, e me parece que as câmeras, bem posicionadas, podem identificar esses torcedores. As câmeras, bem controladas, vão catalogando os jogos, vão fichando cada torcedor, ciberneticamente, para identificá-lo e, na medida do possível, lá na frente a gente encontra com ele.

O SR. CLÁUDIO SILVEIRA BATISTA.- Mas eu ia chegar lá. Nós temos no estádio todo um sistema de câmeras que, embora o tamanho do tumulto dessa última partida com o Cruzeiro, permitiu captar 90% dos responsáveis pela depredação. Inclusive integrantes do próprio clube já estão identificados e sendo punidos, mercê das câmeras. E isso tem ensejado realmente um refreamento absoluto em relação ao comportamento da torcida, isso tem surtido efeito na prática.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Agradeço a presença a V.Sa. e gostaria apenas de alertar a torcida do Grêmio, que tantas glórias dá ao Rio Grande do Sul, de que nós iremos ao final fazer um relatório.

Gostaríamos obviamente de fazer um relatório proativo, dizendo que o Grêmio adotou as medidas necessárias para coibir, dentro das suas torcidas, a prática de ações neonazistas ou discriminatórias e que também, por sua vez, aplicou naqueles jogadores que não souberam se comportar, de forma correta dentro dos gramados, disseminando também o racismo dentro do gramado, as medidas corretas. Espero que possamos chegar ao final, constatando, durante os trabalhos desta Comissão, o que observamos da direção do Grêmio.

Agradeço a presença a V.Exa.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Deputado Marcelo Itagiba, até para facilitar o trabalho de V.Exa. neste encontro, é importante, que o Grêmio organizado como time, como clube, como empresa, nesses episódios aqui nominados - 3 ou 4 episódios - que o Grêmio pudessem relatá-los e dizer o que tomou de atitudes, até para que possamos fazer uma leitura, para que não

fiqamos de vilões do Grêmio, ainda mais que eu e a Deputada Maria do Rosário somos gaúchos. Vai parecer que nós, colorados, que somos da Comissão, estamos lá. Não se trata de paixão clubística, pelo contrário, tenho um respeito muito grande pelo Grêmio, enquanto ele for grande o futebol gaúcho será grande também.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria do Rosário) - Neste momento queremos agradecer ao Dr. Cláudio Silveira, ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Deixo registrado o nosso cumprimento ao presidente, para que ele tenha toda a força possível, e que conte conosco e com os membros gremistas também da Câmara dos Deputados, que são Parlamentares do Rio Grande do Sul, e esteja à vontade para nos procurar. Eu gostaria que o senhor transmitisse isso a ele e agradeço a sua presença.

Passaremos a ouvir os jornalistas convidados. Vamos verificar a possibilidade de eles fazerem um depoimento conjunto. Convido o Sr. Fábio Almeida, jornalista da *Rádio Gaúcha* e *RBS TV*; o Dr. Cid Martins, também jornalista da *Rádio Gaúcha* e *RBS TV*; e o Dr. Adriano Duarte, jornalista do *Jornal Pioneiro* de Caxias do Sul.

Como todos os colegas dos senhores e também o Deputado Marcelo Itagiba estão conosco, vamos dar início. *(Pausa.)*

Eu ia esperar o Deputado Itagiba, mas com o apoio aqui dos meus colegas Pompeo de Mattos e Ruy Pauletti...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ela está acostumado a presidir Comissão. Aqui é uma Comissão Externa, mas ela está acostumada a presidir e está presidindo inclusive a Comissão de Educação e Cultura, que é das Comissões mais importantes da Câmara dos Deputados.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria do Rosário) - Está bem. Então eu vou presidir aqui os trabalhos, enquanto o Deputado Marcelo Itagiba conversa com os colegas dos senhores.

Como a Assembleia Legislativa está gravando tudo também, não teremos nenhuma perda nos depoimentos.

Os senhores têm alguma sugestão de ordenamento?

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - De preferência.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria do Rosário) - Então, vamos começar pelo Adriano Duarte. O tema está colocado. Nós os cumprimentamos como jornalistas, pelo trabalho em jornalismo investigativo que fazem e pelas matérias que estão orientando também os nossos trabalhos.

Antes de chegarmos aqui, Adriano me fez uma pergunta sobre se vamos ficar apenas nas capitais ou se vamos para o interior. Eu disse a ele que vamos procurar ir ao interior dos Estados, mas o Presidente Marcelo Itagiba decidiu fazermos o roteiro Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e São Paulo nas Assembleias Legislativas. Depois irmos ao interior dos Estados para já conseguirmos ter uma noção do todo do Cone Sul, da nossa Região Sul. Então, Adriano Duarte, por favor.

O SR. ADRIANO DUARTE - Boa tarde. Nós, da imprensa de Caxias do Sul, do *Jornal Pioneiro*, especificamente, estamos acompanhando esse assunto que envolve neonazismo e movimentos racistas desde 2005 mais ou menos. Foi quando uma investigação da Polícia Civil local identificou 2 grupos que atuavam na cidade: um grupo *skinhead* e outro chamado *Lord of Dark*, se não me engano.

Um dos integrantes desse grupo se envolveu num crime aqui em Porto Alegre,

já comentado antes, em que foram esfaqueados 3 judeus. Esse rapaz foi um dos precursores do movimento dos *skinheads* no Rio Grande do Sul e trouxe esse movimento para Caxias do Sul especificamente. Começou a ter contato com pessoas de Porto Alegre e passou a espalhar a doutrina neonazista entre os jovens, principalmente, através da Internet, *shows* com bandas, cartas, essas coisas.

Nos últimos tempos, com a investigação aberta pela Polícia Civil de Porto Alegre, com o delegado Jardim, e através do trabalho dos meus colegas da *Rádio Gaúcha* e *RBS TV*, começamos a ver essa questão da *Neuland*, que foi amplamente divulgada pela mídia no Brasil. Inclusive tinha o movimento de um caxiense, esse mesmo que estaria envolvido num crime, em Porto Alegre, com os 3 judeus.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O nome dele?

O SR. ADRIANO DUARTE - O apelido dele é Bitter. Mas é Leandro Patiño Braun. Tive contato com esse rapaz durante algumas semanas atrás, e ele relatou como funcionava esse esquema de neonazismo, principalmente em Caxias do Sul, e como os mentores desse projeto aliciavam os jovens para fazer parte do movimento. Tive contato inclusive com a namorada do líder, que está presa agora em Curitiba, o Ricardo Barollo, e com outros rapazes de movimentos *skinhead* e racistas.

Percebi que a estratégia deles é fazer infiltrações entre os jovens. Por exemplo, eles tentaram se infiltrar na torcida do Caxias, mas não conseguiram. Foram expulsos. Tem alguém do movimento que eles dizem *White Power Skinheads* do Sul, na torcida do Juventude, o que não está provado. Mas, segundo esse líder, esse rapaz *skinhead* diz que tem gente envolvida no meio.

A estratégia deles é se infiltrar e espalhar a doutrina nazista de uma maneira meio que secreta. Eles identificam quem é propenso a cometer esse tipo de crime e assim por diante. E como Caxias tem um foco de imigração européia, eles acreditam que seja um local bom para trabalhar essa questão.

O SR. CID MARTINS - Eu e Fábio Almeida começamos a fazer uma pesquisa com parceria até com Jair Krischke, do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, que até sugiro que é outra pessoa muito importante para ser ouvida. Poderia estar aqui com certeza, ou deveria estar aqui.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria do Rosário) - Sua sugestão será prontamente encaminhada de forma que possamos ouvi-lo, senão aqui, mas em Brasília. Vou chamá-lo, com certeza.

O SR. CID MARTINS - E até, antes de começar a falar, o Fábio Almeida chamou a atenção para o fato de que fizemos uma série de matérias. Fizemos uma pesquisa e vimos que, em 1930, havia 400 gaúchos filiados ao partido nazista, e o coordenador desse grupo foi para a Alemanha para buscar informações. Foram montados esquemas de vigília no sul do Estado, na capital e na costa. Então, vem tudo de uma filosofia, dentro do nosso Estado, de grupos e de minorias, mas como Adriano falou, que tem esse objetivo de se infiltrar e de repassar essas informações e de cooptar jovens para isso. Antigamente havia folhetos e reuniões. Fomos em 2 encontros pelo menos. Agora a Internet é um meio mais fácil. Fábio Almeida criou simplesmente um personagem virtual que ficou muito tempo na rede - diga-se de passagem que a Polícia Federal não detectou também - trocando informações. Esse foi um dos questionamentos da nossa matéria. E continua por muito tempo, e continua...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Esse é o tal de pega ratão.

O SR. CID MARTINS - ...com a foto do Hitler, com contatos, falando de festas, de ideologias. O personagem, se não me engano, continua.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Até o início do ano passado - boa tarde a todos - continuava ainda, na comunidade do Orkut, um personagem falso que nós criamos, virtual, que deu início a todo esse trabalho. No processo inicial de investigação da série de matérias nazistas sulinas, que foi para a *Rádio Gaúcha*, *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, ficamos um ano e meio, nessa primeira fase, coletando informações. Foi uma investigação de um ano e meio até as matérias ficarem prontas. Isso em 2006. Portanto, nesse período o personagem ficou ainda ativo. Era o início do processo dessa rede de relacionamentos, Orkut, e vimos que a Internet foi a maneira mais fácil de atrair esses jovens e ver como eles eram atraídos por meio de bandas. Nós acompanhamos o trabalho do delegado Jardim desde o início. Ele acompanha há mais ou menos 8 anos esse processo, e nós começamos a partir de 2005, nessa parceria com a Polícia Civil para ajudar e buscar informações conjuntamente.

O SR. CID MARTINS - Vale dizer que, nessa questão da Internet o pessoal tentava muito aqui, mas perdia, não conseguia. Tentou na Argentina, não conseguiu também. A Federação Israelita e a Polícia fizeram esses contatos. E ele montou o *site* por um provedor nos Estados Unidos, que é o Valhalla88. Nesse *site*, tem uma cartilha explicando como montar células, como agir, quem contra quem, a favor de quem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria do Rosário) - É um *site* hospedado nos Estados Unidos.

O SR. CID MARTINS - É um *site* hospedado nos Estados Unidos. E o grupo com o qual mantivemos bastante contato foi alvo de investigação do delegado Jardim. Vale lembrar que esse grupo de 2005 foi alvo de nossa investigação em 2006, e muitos estavam envolvidos em 2009. O Bitter, citado por Adriano, tem contato na Argentina, se não me engano, com a ex-companheira dele. Foi um dos motivos até de investigação nossa, de matéria, a questão desse *Neuland*, que é esse novo grupo, da compra de armas na Argentina. Ouvimos relatos de integrantes desse novo grupo e ficamos surpresos com a descrição que davam do armamento: "*Esse sim, esse tem.*" Mostravam fotos e a descrição total de como era esse tipo de armamento. Então, pela Internet tudo isso estava sendo difundido.

Fomos para Concórdia e lá nos reunimos com um pessoal. Formaram uma ONG que tinha o objetivo de não aparecer tão fortemente. Até eles pesquisam muito. Seria a Ordem...

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. Até para ter uma ideia...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Maria do Rosário) - Ordem?

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. É um nome assim bem... tem um embasamento histórico esse nome que foi dado a essa ONG. Assim como a *Neuland* que tinha projetos mais ambiciosos, talvez de, na sequência, infiltrar pessoas no Legislativo e no Executivo, posteriormente. Foi um dos depoimentos dados pelo Líder Barollo, em trabalho aqui da polícia gaúcha, do delegado Jardim, e da polícia do Paraná. Nós percebemos que essa ideia que vimos aberta ao público, a partir de abril de 2009, desse grupo *Neuland* em 2005, 2006, vimos que o embrião é o mesmo.

É um grupo de jovens que têm um embasamento político e usa outros grupos como uma espécie de massa de manobra, que seriam grupos mais violentos para poder até mesmo ter uma certa segurança. Há divisões desses grupos. A ideia deles inclusive era, a partir da formação dessa ONG... Nós participamos e gravamos o seu nascimento em Santa Catarina, porque era distante de qualquer órgão da Polícia Federal, e, segundo os organizadores naquele momento, não teria nenhum tipo de problema. Esse encontro ia ser num hotel, mas acabou sendo numa praça. E, a partir desse encontro, a ideia era formar essa ONG, e, a partir dessa ONG, ter os encaminhamentos jurídicos e transformar num partido político.

O SR. CID MARTINS - A exemplo da Argentina do Partido *Nuevo Peronismo*.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - *Nuevo Triunfo*. A ideia era, a partir de 1 ano daquela data, marchar aqui em Porto Alegre, onde é feita a Passeata do Orgulho Gay, e mostrar também que eles têm orgulho e defendem os seus princípios. Eles não se dizem neonazistas. Eles são nazistas porque diziam que o nazismo nunca tinha morrido e iam permanecer, portanto, com essas ideologias.

O SR. CID MARTINS - Só que, até o ponto em que nós chegamos, envolveria na sociedade algum grupo forte, empresa, alguém que financiava. Aí esbarrou. Como eu falei, havia cartilhas para cooptar jovens, pessoas, novos adeptos. Não se podia chegar nos cabeças, nos líderes, vamos dizer assim, até por questão da nossa própria segurança, porque, para isso, era preciso muito tempo, ter um convívio muito grande. Esses líderes, um e outro deixou escapar que tinha financiamento de empresas, de empresários. Como uma banda alemã ou uma banda europeia, uma banda do Leste Europeu nazista viria tocar num fundo de quintal para 20 pessoas aqui em Porto Alegre? Com que fundamento? Então, isso deixou escapar. Não foi alvo das nossas matérias, não foi publicado, porque não conseguimos avançar. Mas, felizmente, num trabalho rápido da Polícia Civil, muitos deles foram presos. Chamou atenção essa questão da infiltração, do financiamento e do intercâmbio, principalmente com a Argentina.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - O fato que chamou atenção - e eu sei que ainda é alvo das investigações - é que são grupos que, às vezes não parecem estar ligados, mas, na verdade, são as mesmas pessoas que, em 2005, 2006, 2007 e até agora 2009, são pessoa chaves nessa ideologia toda e que acabam aparecendo, às vezes, dizendo-se dissidentes de grupos, integrando-se a outros grupos. Mas, na verdade, acabam interagindo.

O SR. ADRIANO DUARTE - Faz parte do jogo, a dissimulação. É justamente o jogo da dissimulação nazista, porque muitas vezes a gente não percebe que são nazistas porque eles são dissimulados. Às vezes, você pode estar falando com uma pessoa que é adepta do neonazismo, mas não está sabendo. É a questão da dissimulação. É a prática deles.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Isso nós presenciamos, há cerca de 2 meses, em Caxias do Sul, conversando com um desses jovens que se dizia um ex-integrante de grupo que teria se envolvido com outro grupo. E, a partir disso, agora ele estava se dizendo até ameaçado. Até como tem acontecido no Paraná, onde houve uma briga de lideranças e acabou trazendo à tona todo esse problema. Nós percebemos que aqui também, não sei se até mesmo porque houve um processo de investigação muito forte. Nós até brincamos com o Delegado Jardim dizendo que ele é conhecido e muito conhecido (*Longa falha na gravação.*) segue ideologias nazistas e namora uma jovem negra, por

exemplo, como nós presenciamos. Então, há muitas divisões que até, às vezes, é complicado entender. E não sei, na verdade, se eles entendem muitas vezes.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Tinha um *skinhead* que estava na praça, e eu conheci um amigo dele, que não era. O amigo dele disse que eles não gostavam de negros, mas adoravam uma negrinha. Então, acho que veio a confirmar, não é? Eles não gostam de negros, mas se é uma negra que cai no gosto deles, vai, passa, leva. Então, acho que é doença, é doentio.

O SR. CID MARTINS - É muito interessante quando começamos a avaliar, interpretar e ver o que eles estão fazendo. Existe toda uma chamativa de princípios, de trabalho, de valorização pessoal: porque você tem de ser forte, tem de ser líder, tem de ser esportista, não pode ser um cara muito para baixo, tem de ser uma coisa assim de liderança.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Inteligente, estudar, saber História.

O SR. CID MARTINS - Exatamente, ter princípios, honra. Isso chama muito a atenção das pessoas. Depois o que nos chama atenção é que isso passa à margem da grande sociedade. De muitas pessoas a gente ouviu: *Pô, mas isso não acontece. Ah, mas isso...* "Aí vale o que o Adriano disse que tem de ir ao interior, porque isso está muito enraizado nas pequenas cidades, nas pequenas comunidades, até porque na capital existem muitas tribos e acaba dizendo: *"Ah, isso é o grupo dos nazistas, dos skinhead, grupo diferente e tal"*. Mas nessas comunidades eles levam a sério isso, muitos levam a sério. E posso dar um relato, que eu já dei, é que, nessa reunião em Concórdia, perguntei: *"Pô, mas vem cá, teus pais, não sei que, não vão estar juntos?"* *"Não, não, não te preocupa, até meu vô vai estar junto, porque ele gosta disso"*. Então, eu acho que a grande mídia e as pessoas da capital não dão muito valor para eles. Trata-se de uma questão de cultura e princípios que estão enraizados. E, no desenrolar do tempo, existe, claro, a questão da criminalidade e da organização, e muito fica em reunião, em idealismo, mas há coisas que vêm à tona, como a questão dos judeus, a questão da agressão - o Delegado Jardim descobriu planos para destruir sinagogas. Está documentado, está escrito.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Existem cartilhas mostrando como esse grupos devem agir.

O SR. CID MARTINS - Como fazer uma bomba. O delegado pode falar melhor do que nós.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - O que nós percebemos? O primeiro contato geralmente é uma seleção. É que são jovens inteligentes. Muitas vezes são deixados panfletos no meio de livros de História em universidades, com dicas.

O SR. CID MARTINS - Aí você tem de interpretar para saber o que é.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Vídeos, música, nós percebemos que muitos confundem às vezes com uma cultura do *rock*, com uma cultura de organização política. Então, até nesse trabalho que nós fizemos, nós encontramos grupos que se dizem neonazistas integralistas, grupos que acabam...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Plínio-Salgadistas.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Exatamente, que têm fotos de Plínio Salgado nos perfis. Então, a partir daí, eles começam a angariar, buscar mais pessoas. Foi o que nós vimos, porque esse personagem que nós criamos na Internet, em 2005, entrou em várias comunidades. E, a partir dessas comunidades,

percebemos que os jovens que buscavam informações políticas eram os mesmos jovens que estavam em comunidades nazistas, que tinham como idolatria aqui no Estado, por exemplo, a Editora Revisão.

O SR. CID MARTINS - Faz um *link*. Busca briga de torcida, busca integralismo, busca neonazismo, começa a ver os mesmos personagens, é fácil.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Obras de Siegfried Ellwanger, aqui do Estado, do autor, do escritor, enfim.

O SR. CID MARTINS - Até 2007 ele continuava funcionando.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Nós estivemos na Editora Revisão, que na verdade não deveria funcionar, pelo menos pela Justiça - as obras e o fechamento dessa editora, dessa livraria -, mas segue aberta aqui no Bairro Santo Antônio. Então, estivemos lá inclusive, por meio desse personagem que foi criado por um suposto interesse, à época - e também foram avisados a polícia e o Ministério Público. Nós fomos e compramos livros proibidos nessa editora. Depois foram entregues.

O SR. CID MARTINS - Vejam a importância, para mostrar que...

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Que era fácil.

O SR. CID MARTINS - Eles buscam um fundamento, não é só é questão de ficar falando e cooptar o jovem. Há todo um embasamento, com toda essa questão de ser um jovem para mudar a sociedade. Isso é muito subjetivo. Para isso, pegam muitos jovens para mudar e fazer uma sociedade melhor. E por que no interior? "*Não vamos ser que nem lá, fica uma coisa desvairada lá. Não, vamos montar um grupo forte para a gente tentar fazer uma sociedade melhor*". Só, claro, baseado no racismo. Isso pesa muito.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - No fim da série de reportagens *Nazistas Sulinos*, foram 17 matérias que foram ao ar durante uma semana na *Rádio Gaúcha*, em *Gaúcha Hoje*, *Chamada Geral*, primeira edição, segunda edição, *Gaúcha Repórter* e também *Plantão Gaúcha*, em diversos programas e em diversos horários da *Rádio Gaúcha*. E, ao fim das matérias, eu entrei em contato com um jovem que nós encontramos em Santa Catarina para dessa vez colocar: "*Olha, não sou quem tu achavas que eu era, sou um jornalista e queria conversar contigo agora*". Daí, ele conversou comigo, de uma maneira até despontado, porque ele achou que tinha mais uma célula forte no Rio Grande do Sul, e ele colocou que na verdade negava, num primeiro momento, o nazismo, mas não ia negar os seus ideais, que na verdade ele não estava pregando o nazismo, mas sim o orgulho da cultura germânica, da cultura europeia. Foi o que foi sinalizado, ao ponto de um dia poder marchar aqui na Redenção em Porto Alegre, não idolatrando o nazismo mas uma cultura germânica europeia.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Bom, eu ouvi com muita atenção o relato. Confesso que não vi todas as reportagens, mas na *Rádio Gaúcha* acompanhei várias delas, em 3 ou 4 episódios num programa, que não me lembro qual era, se era no *Chamada Geral*. Mas ouvi em várias oportunidades, isso nos chamou muito a atenção.

A verdade, Deputado Marcelo Itagiba, no Rio Grande do Sul, se olharmos o desfile de 7 de Setembro dos anos 30 - podem olhar as fotografias expostas - havia a Ala Nazista. Desfile com suástica, com bandeira.

O SR. CID MARTINS - Na Redenção tinha bandeira com a suástica.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Se o senhor me permite, nesse período foi considerado o Rio Grande do Sul território nazista. Na matéria tivemos um

acompanhamento do setor de História da UNISINOS, então embasamos todo o trabalho nisso.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Em função da colonização germânica, porque eles eram cooptados pelo Partido Nazista e a concepção do Partido Nazista na visão daqueles que aqui estavam era esta. Absolutamente não temos que ficar recriminando. A História conta e não tem por quê. Leio muito sobre isso, até porque sou um amante da cultura gaúcha, e somos uma cultura, graças a Deus, miscigenada. Temos orgulho em sê-lo. Primeiro foram os índios guaranis que lutaram com os portugueses e espanhóis, depois os espanhóis e portugueses que foram moldando, em seguida os italianos, os alemães, os poloneses. Aliás, tenho uma poesia que trata dessa miscigenação, do que chamamos da estirpe gaúcha. Não é raça, é uma estirpe.

Nos anos 30 tinha o desfile da Pátria e desfilavam as alas. Sou getulista, brizolista, janguista, enfim, sou alguém que lê muito Pasqualini, que acha assim uma a ideologia que trata das questões sociais do País. Mas no tempo do Governo Getúlio Vargas os nazistas eram admitidos, até porque a concepção da ideia nazista era boa, porque era um partido dominante na Europa, que cresceu na Alemanha, com concepções positivistas invocando a questão da saúde, do vigor físico, da força, da inteligência, das ações, da atitude de servir à Pátria, enfim, de respeito, de hierarquia, uma série de virtudes, e eu diria que algumas muito voltadas para o militarismo.

Depois, ao final e ao cabo, vinham as restrições. São muitos fatos positivos que chamam a atenção, que eu diria: que bom se pudéssemos todos exercitar essas ações, excluindo as demais. Isso chama a atenção e é isso que vemos muito os jovens sendo cooptados. Volto atrás do trem: parece um trenzinho, um ferrorama, mas se deixar vai crescendo e vai virar uma composição que daqui a pouco vai atropelando a todos.

É importante tomarmos essas atitudes. É claro que não queremos absolutamente ficar aqui jogando isso como responsabilidade da cultura germânica como um todo, porque gente boa e gente ruim tem em todo lugar. É preto, branco, alemão, italiano, polonês, português, espanhol, índio, temos bem clara a concepção. A minha mão tem 5 dedos, são todos dedos da mesma mão, mas nenhum é igual ao outro. Lá em casa somos 12 irmãos, só eu sou Deputado, os outros são muito melhores que eu.

Não é por aí que vamos ficar julgando uns pelos outros, mas a verdade é que o fato existe, as concepções existem e precisamos fazer esse enfrentamento.

Ao concluir, obviamente, quero cumprimentar tanto o Adriano, quanto o Chmelnitsky e o Fábio Almeida - aliás o Fábio Almeida eu não imaginava que era tão guri. O Fábio Almeida faz um barulho bem grande deste tamaninho, imaginem se fosse gente grande! Faz um belo trabalho, a gente reconhece; o Chmelnitsky já é das casas velhas. Eu não posso falar muito. Várias. Mas eu digo pela idade dele e pelo tamanho, pela idade, pela expressão, pela experiência. E o diabo não é diabo porque é inteligente, é porque tem tempo. Mas você sem ter muito tempo já é afiado na atuação e na tua atividade.

Mas a verdade é que, Presidente Marcelo Itagiba, aqui foram citados alguns nomes, não peguei todos, mas era importante que nos chegassem às mãos alguns nomes. Depois o delegado pode nos passar. Mas, por exemplo, o Bitter, que é esse Leandro Patiño - patinho feio - Braun. Que nós pudéssemos ouvi-lo na Comissão. Ele é de Caxias, e pelo que sei ele contribuiu, ao final acabou passando algumas informações importantes, não foi? Até para entendermos a

lógica. Acho que pelo o que ele falou estaria disposto a falar talvez na própria Comissão. Acho importante que se nós não pudermos ir a Caxias propiciar meios para que ele possa se deslocar. Não sei se o Deputado Ruy Pauletti, que é caxiense e é um pouco meu padrinho também, pode nos ajudar. Sei que ele é habilitado e capacitado para isso.

Na verdade eu digo que era meu padrinho, ele era delegado de educação em Três Passos, que é a cidade que pertencia ao distrito em que nasci, Santo Augusto, hoje município. E eu estudava - e não ia no colégio, poderia estar na 1ª série. Eu comparecia lá acompanhando meus irmãos que estudavam, e chegou ao final do ano eu sabia ler, escrever, sabia somar, dividir, multiplicar, enfim, fazia as operações matemáticas todas, e o professor queria me passar de ano sem eu ter ido à aula porque eu sabia mais que os alunos que tinham estudado, que frequentavam regularmente. E ele não sabia como, e daí foi a Três Passos, na Delegacia de Educação, falar com o delegado, que pediu para fazer uma prova para mim para ver se eu tinha habilidade. O professor veio e fez a prova, claro, eu já sabia, e o delegado autorizou que eu passasse de ano sem ter ido à aula. Para o 2º ano. E era o Professor Ruy Pauletti.

Vejam que coisa impressionante, o tempo passa. Aliás, estou escrevendo isso, estou colocando em um livro. Então eu digo que ele é um pouco meu padrinho, porque passei de ano sem ter ido à aula, mas porque sabia mais do que aqueles que tinham ido à aula na 1ª série, uma coisa muito curiosa. Coisas que acontecem na vida. Mas o Ruy Pauletti é uma figura extraordinária na educação gaúcha e pode nos ajudar nessa tarefa.

Assim como o Bitter, outras pessoas que possam servir como entes de informação, que estejam dispostos a falar. Quem sabe esse moço que o Fábio Almeida pediu que ligasse lá para Concórdia, que é no norte do Estado gaúcho, na divisa com Erechim, próximo ao Rio Grande do Sul, para que pudéssemos dentro da Comissão, Presidente, ouvi-los. Acho que seria interessante, sem que necessariamente a Comissão precise se deslocar para lá, mas trazer para cá. Acho que daríamos uma contribuição maior irmos *in loco*; sentiríamos a realidade da realidade do que é a realidade deles, quem tem um princípio; a ideia deles, a concepção, é altruísta num primeiro momento que serve para cooptar, para chamar, para trazer adeptos, e que num segundo momento desencadeia o ódio racial, tudo isso que sabemos que acontece com os nazistas ou neonazistas, como queiram.

Parabenizo vocês pelo trabalho que fizeram. Vamos dar repercussão. E ao final espero que resulte numa legislação - como disse aqui, o Dr. Cláudio, do Jurídico do Grêmio. Que possamos criar uma legislação mais ágil para enfrentar essas coisas com a rapidez que se faz necessária. Muito obrigado.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Deputado Marcelo Itagiba, posso fazer uma pergunta?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputado Ruy Pauletti com a palavra.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Eu li as reportagens do Adriano no *Jornal Pioneiro*. Não conhecia a extensão. No início eu achei que estavam exagerando um pouco e pensei: "*Aqui em Caxias não conheço isso*", e sempre estive no meio da juventude. Vou perguntar algo bem objetivo: qual é a média de idade dessa meninada?

O SR. ADRIANO DUARTE - São 2 gerações. Tem uma geração mais formada de jovens de 17, 18, 19 anos, e tem os mais velhos na faixa de 30 anos.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Homens e mulheres?

O SR. ADRIANO DUARTE - Mais homens, rapazes.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - E nos meios universitários?

O SR. ADRIANO DUARTE - Os que são facilmente identificáveis, que são ligados aos movimentos *skinheads*, a maioria deles não têm formação universitária, são trabalhadores comuns, braçais, vendedores, carregadores, esses que são identificáveis.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - No meio universitário não identificaram ninguém?

O SR. ADRIANO DUARTE - Pode ser que tenha, mas geralmente esse pessoal são os que ficam mais escondidos, não aparecem, são os articuladores.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Estão mais na retaguarda. Além das torcidas organizadas e das bandas há outros grupos que podem ser identificados como de atuação? Não só em Caxias, em Porto Alegre.

O SR. ADRIANO DUARTE - Em Caxias, são 2 movimentos bem claros: os *skinheads*, e dentro dos *skinheads*, há os neonazistas que se dizem; há os *skinheads* com outras facções, outras ramificações. Mas todos eles se relacionam entre si. E essa divisão é assim: os que apoiam os ideais de Hitler e os que não apoiam. É muito tênue, assim, é muito vago. Às vezes eles dizem que não apoiam, mas eles apoiam, na verdade. Então, o que vi em Caxias são os *skinheads* que são cerca de 30 integrantes.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - E o Barollo, está preso?

O SR. ADRIANO DUARTE - A princípio estava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Está solto.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Está solto.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Está solto.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - E além de Caxias e Porto Alegre, vocês identificaram aonde mais?

O SR. CID MARTINS - A gente viu em Viamão, Vale do Taquari, Passo Fundo, Erechim, aquela região ali, depois, quem vai para Concórdia, em Santa Catarina, Joaçaba, em Santa Catarina.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Nessa, na primeira série de matérias a gente fez contato com jovens de São Paulo, aqui na região de Porto Alegre, e na Região Metropolitana de Viamão. O período era até mais efervescente, digamos assim. Hoje em dia não há muitas referências. Serra Gaúcha... Naquele período, em 2006, até nós não encontramos jovens em Caxias do Sul.

A gente foi buscar mais informações agora, porque os jovens de Caxias do Sul vinham para Porto Alegre. Inclusive um deles foi preso, naquele período, aqui na capital.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Foi preso no episódio do Grêmio.

O SR. ADRIANO DUARTE - No episódio do...

O SR. CID MARTINS - Em 2005, em 2005.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Da Cidade Baixa.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Da Cidade Baixa, exatamente. Enfim, mais a região norte do Estado; relatos, não ações. Amigos desse personagem fictício que nós fizemos na rede de relacionamentos, então a gente encontrou pulverizado, assim. Porque eles chamam de células. Então, a gente acabou encontrando pulverizado.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - E o mentor intelectual disso, já chegaram a...

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Na verdade, por exemplo, esse jovem que, na época, foi identificado como Günter, esse jovem, lá de Santa Catarina, na verdade, ele era tido como o mentor intelectual dos jovens. Era um jovem politizado, um jovem que, em cada encontro, levava *fanzines*, levava cartilhas, DVDs com a história. Ele acabava recrutando outros grupos, outros grupos mais violentos para participar, enfim, das ações. Planejavam marcar até, na sequência, um ato para mostrar, entre aspas, "que estavam vivos". E até foi feito esse ato: colaram cartazes em sinagogas, em locais públicos, em universidades.

O SR. CID MARTINS - Na imprensa.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Na imprensa, enfim, em vários pontos.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Tem alguma ligação com grupos de fora? Latino-americanos ou europeus?

O SR. CID MARTINS - Com a Argentina, bastante.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Não, não. Aquele grupos, da época, até os contatos eram contatos mais tímidos, eram contatos... Pelo que a gente...

O SR. CID MARTINS - Mas esse é mais do oeste catarinense.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Do oeste catarinense. Eram contatos pela Internet. Porque alguns dos *sítes* deles estavam baseados na Argentina, outros nos Estados Unidos. Então, tinha-se esse contato. Agora, a gente sabe que as ligações são mais fortes.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - E essas obras que trazem, de certa maneira, a filosofia deles, quem escreve?

O SR. FÁBIO ALMEIDA - São muito baseadas no próprio Siegfried Ellwanger. Agora não vou recordar os títulos dos livros.

O SR. CID MARTINS - O "*Holocausto Judeu ou Alemão*" Esse é o mais conhecido.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Esse é o principal livro dele: *Holocausto Judeu ou Alemão*

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Como, Delegado?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Holocausto judeu...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ele questiona o holocausto. Se o holocausto foi feito pelos judeus ou verdadeiramente pelos alemães.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Todos esses jovens...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ou uma apologia, não é? (*Risos.*)

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Todos esses jovens com os quais nós conversamos, até porque a gente queria buscar o local da editora, tinham lido, ou tinham o livro, ou iriam ler o livro.

O SR. CID MARTINS - Inclusive tinham uns que... tinham catálogos com os preços dos livros e podiam e comprar pela Internet o livro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Vocês podiam fazer uma listinha dos títulos que vocês lembram.

O SR. CID MARTINS - Podemos.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Isso é importante.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Está bem?

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Ah! Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Uma pergunta que eu acho, Deputado Professor Ruy Pauletti, dentro dessa linha de V.Exa. se me permitir.

O Ellwanger tem algum papel, além da publicação dos livros nessa relação com esses grupos?

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Nunca, pelo menos, nunca constatamos isso. Até nessa última entrevista que nós fizemos há 2 meses, em Caxias do Sul, conversando com um desses jovens, eu perguntei justamente isso: "*Você já chegou a ver ele?*" Ele disse: "*Não. Ele é só um empresário, um escritor que vende os seus livros. Nós lemos*".

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Vocês constataram alguma aproximação com descendentes da Segunda Guerra Mundial?

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Não, não tenho nenhuma referência. O que nós constatamos agora até, de 1 ano para cá, são esses grupos que têm conexões com a Argentina, tentam buscar pessoas das Forças Armadas. Por quê? Pela utilização das armas, utilização de armas e de técnicas, de fabricação de bombas. Acho que é um material que o delegado, posteriormente vai mostrar que a gente também teve conhecimento.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - É. Porque senão deveria ter no Paraguai também, que foi onde os nazistas do pós-guerra se erradicaram mais, não é?

Obrigado, Deputada Maria do Rosário.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Parabéns também pelas questões do colega.

Quando vocês identificaram... Eu ouvi uma informação de 400 gaúchos filiados ao partido nazista.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Perdão...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Quatrocentos gaúchos filiados ao partido nazista.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas isso em 1930.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - Na década de 30.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Ah! Está. Vocês, então, buscaram elementos históricos. E quem era na UNISINOS que fez essa orientação histórica? Seria interessante também.

O SR. CID MARTINS - É, eu lembro...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Porque nós vamos fazer uma reunião sobre isso também.

Bom, mas a gente podia buscar isso, também.

Vocês apenas buscaram referência histórica, como o Deputado Pompeo, para demonstrar qual é a cultura onde é formado esse posicionamento político-ideológico.

O SR. ADRIANO DUARTE - E até para entender o que eles estavam inclusive falando, não é?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Claro.

O SR. ADRIANO DUARTE - Porque eles buscavam pessoas que tinham esse conhecimento. O que é raça ariana,...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Hum! Hum!

O SR. ADRIANO DUARTE - ...de que maneira se deu a organização do partido nazista, enfim, alguns nomes: Gestapo, a SS, o que significa. Porque são coisas que eles preservam e se organizam de acordo com a hierarquia do partido político e das forças armadas da época.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - A computação, via Internet, ela se dá pelo Orkut ou outro *site* de relacionamento, endereços específicos?

O SR. ADRIANO DUARTE - *Site...*

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - *E-mails.*

O SR. ADRIANO DUARTE - *E-mails*, também. *Sites* de bandas. Até há algumas semanas houve um festival com várias bandas em Macaé, no Rio de Janeiro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Que é esse que nós agimos para... Acabou não acontecendo.

O SR. ADRIANO DUARTE - Foi cancelado. Recebemos um material aí com convites desse encontro, enfim, até com a banda do Ian Stuart, que até hoje é considerado, é idolatrado. Acho que o Roger que estuda bastante, que acompanha, sabe que a gente encontrou, a polícia encontrou vários DVDs idolatrando algumas figuras. E essa banda é uma das bandas que até hoje, de alguma maneira, prega e traz esses ideais e ainda acaba cooptando esses jovens. Então, materiais de Orkut, *e-mails*, encontros de bandas, encontros de *rock* são os principais meios que a gente...

O SR. CID MARTINS - Com *sites* também vinculados a torcidas.

O SR. ADRIANO DUARTE - Exatamente: *sites* de torcidas.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Vocês sabe que o Brasil tem feito todo o esforço... (*Pausa.*)

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Vou viajar para Brasília.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Boa viagem ao colega que está indo já a Brasília. Eu vou amanhã às 7h.

Bem, vocês sabem que a Câmara dos Deputados fez todo um esforço, não é Deputado Pompeo, pressionando de fato o Orkut e os detentores, os organizadores desse *site* de relacionamento para que o Brasil tenha acesso às informações ali dentro. Justamente para enfrentar os crimes de ódio, a pedofilia na Internet e outros crimes.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Pedofilia.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Pedofilia na Internet. Então, foi assinado... A Comissão de Direitos Humanos atuou muito nisso, ouviu Deputado Pompeo?

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Muito, muito.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Então, foi assinado...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Tanto da Câmara dos Deputados quanto do Senado Federal.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - É.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E a CPI também. Aquela que o Magno Malta atua muito.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Exatamente. E agora nós temos um novo tratado de relacionamento, firmado entre as autoridades brasileiras da área policial. A Polícia Federal acompanha, com seus grupos específicos sobre crimes virtuais, e a Câmara e o Senado foram avalistas disso. E o Orkut assumiu a responsabilidade de quebra de sigilo, no caso de alguns *sites*.

É claro que isso é muito complicado, porque na verdade quando há um *site* como este aqui, hospedado nos Estados Unidos, nós passamos a ter todas as dificuldades do mundo, digamos assim, para conseguir enfrentar essa realidade.

Mas eu pediria, se fosse possível, a vocês para também nos passarem os endereços eletrônicos que têm, ou a nós ou à própria Polícia Federal - não sei se a Polícia Federal já tem todos - da pesquisa e do trabalho que vocês

desenvolveram, porque me parece um trabalho muito interessante de contato e que conseguiu entrar na rede em diferentes espaços.

Vejam que foi a INTERPOL que denunciou ao Brasil a presença de grupos, no caso de um libanês, recentemente, que se mobilizava de forma a organizar uma ação terrorista. Essa atuação, sobre a qual depois poderá ser falada muito melhor que eu pela Polícia Federal - que eu admiro, e quero dizer que faz um excelente trabalho; eu a acompanho muito nos crimes contra as crianças no mundo - essa rede que vocês conseguiram identificar pode ser interessante ao trabalho da Polícia Federal contra os crimes virtuais .

O SR. FÁBIO ALMEIDA - E, ao que nós percebemos até agora, antes a utilização de códigos entre esses integrantes. A utilização está cada vez maior no intuito de identificar realmente. Era mais explícito, no início das comunidades. Hoje em dia, ainda há, enfim, pessoas que são proprietárias daquele domínio ou daquele perfil no Orkut, que são anônimas, e muitas utilizam os códigos, que quem pesquisou alguma coisa já consegue entender. Por exemplo, o 88, geralmente, no final de uma assinatura, que significa a oitava letra do alfabeto, a letra "h", *Heil Hitler*, então, a assinatura lá: "*Fulano de tal 88*". Já é uma maneira de se identificar.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Já é um código.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - É um código. Então, assim como esse, há outros. E às vezes isso é meio complicado de encontrar, de um tempo para cá, talvez até pela vulnerabilidade do Orkut, de se encontrar pessoas se infiltrando. Acho que eles estão até tomando um pouco mais de cuidado do que... Nós encontramos, numa época em que era muito fácil de entrar. Atualmente, até...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Mas é um trabalho de longo prazo.

O SR. FÁBIO ALMEIDA - É, na verdade, foi um trabalho de praticamente um ano e meio, ali, todos os dias conversando, sabendo de encontros, conhecendo pessoas, nomes...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Deputado Marcelo Itagiba, o Adriano Duarte, no caso do *Jornal Pioneiro*, relatou que em Caxias do Sul houve uma tentativa dos grupos de atuarem nas torcidas, e que o time de futebol, o Clube Caxias, agiu para impedir isso. Então, não permitiu a presença de qualquer manifestação; que o Juventude também teria... Eu achei...

O SR. ADRIANO DUARTE - O Juventude, segundo esse adepto do neonazista, ele falou que tem ido àquele movimento *White Power Skinhead*, do Sul, tem gente no meio. Tanto que o Juventude é seguidamente alvo dessas questões raciais dos jovens.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Exatamente.

Agora, por que me chamou a atenção isso? Porque nós acabamos de ouvir o Grêmio; ouvimos o depoimento do Adriano sobre a tentativa de infiltração na torcida do Caxias. Acho que nós teremos que fazer um contato mesmo com a Federação e com a Confederação. Federações e Confederação Brasileira de Futebol.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E eu acho que nós devemos ir mais longe, aproveitando esse gancho. Eu acho que nós devemos fazer esse encontro não só à Federação e à Confederação, mas com a própria FIFA, no momento em que se antecede à Copa do Mundo neste País, e essa questão tem que ser enfrentada como se enfrentou na Europa.

Ou seja, ou o Grêmio, como eu disse a eles aqui, demonstra que efetivamente

está adotando medidas para coibir esse tipo de ação dentro da sua torcida, ou no nosso relatório teremos que fazer a menção (*Falha na gravação.*) de que nada dessas coisas terem sido constatadas, não só pela Polícia mas por essa Comissão.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Concordo. E há 2 outros aspectos. Pela primeira vez eu escuto - e fiquei impressionada, já era de se imaginar - que há a possibilidade de financiamento de empresas. Então, essa é uma linha que merece ser analisada e desdobrada. Porque, de onde vem esse dinheiro todo. É uma questão séria a ser pensada.

A última questão diz respeito à atuação no MERCOSUL. E aí eu dizia ao Deputado Marcelo Itagiba que acredito que teremos que fazer um contato com o Parlamento, com os pares que temos, a partir do âmbito do Parlamento do MERCOSUL...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Parlamento do MERCOSUL.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Mas, o Parlamento do MERCOSUL ainda está em uma fase...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Incipiente.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - É. Então, acredito que tratarmos isso com a Câmara dos Deputados da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, neste momento, é algo pelo menos imperioso, diante do que nós estamos ouvindo aqui, para um esforço em conjunto.

E, olhem, eu quero cumprimentá-los, pelo modo de agir e de operar, até por características que o Deputado Pompeo de Mattos destacou, por serem jovens também, conseguiram manter um diálogo com os integrantes desses grupos, que pode ajudar imensamente para que esses jovens e tantos outros não estejam ali, e inclusive superaram essa perspectiva política inadequada, ideológica, de intolerância.

Acho que vocês na verdade cumpriram e estão cumprindo esse papel, e especialmente mantendo a salvo muitas pessoas.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Permita-me, Deputada Maria do Rosário, muito rapidamente. Eu acrescentaria nesse rol de preocupações de V.Exa. aquilo que foi narrado aqui pelo Cid Martins, ou seja sobre a possibilidade de eles vierem a Porto Alegre, para desfilarem no Orgulho Gay, com a perspectiva de inclusive formar um partido político, a exemplo do que já existe na Argentina.

Quer dizer, e no Brasil é fácil fazer um partido político. Daqui a pouco não impressiona se isso vier a se consolidar, a se confirmar, sob outros argumentos, aparentes, do puritanismo, do nacionalismo, não sei do quê, enfim. Razões são fáceis de se buscar, e desculpas.

Isso aí também preocupa bastante, porque daqui a pouco estão eles aí, organizados e muito bem organizados; como, aliás, não é novidade. O PCC, ao seu tempo, ao seu cabo, tentou organizar um partido político, ou pelo menos se inserir, imiscuir-se dentro dos partidos políticos que estão organizados, elegendo advogados defensores do PCC, dentro de partidos políticos, enfim, que foram perfeitamente identificados e que inclusive vitimaram policiais, pessoas que trabalhavam no sistema carcerário paulista, e que foram vítimas do PCC.

Não raro, o Rio Grande do Sul também acabou sendo, porque o Marcola esteve aqui. Aliás, o Marcola esteve em Ijuí. Quem diria. Na minha cidade, onde eu tenho minha base, e quando as pessoas ficaram sabendo

apavoraram-se.

O PCC estava se organizado dentro de um partido, e, quando não, como partido, e antes de chegar lá como partido, estava se inserindo dentro dos partidos, para depois...

Então, daqui a pouco não me impressiona que isso venha a acontecer com os neonazistas. É importante que madrugemos aqui também, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quero agradecer muito a participação dos senhores.

Eu peço ao Secretário da Comissão que providencie junto às empresas, nas quais trabalham os jornalistas que aqui se encontram, a solicitação da cópia da matéria produzida por eles, para subsidiar os nossos trabalhos e os nossos relatórios.

Quero parabenizá-los pelo trabalho, e qualquer outra informação que porventura chegue ao conhecimento dos senhores, após a publicação, se quiserem nos encaminhar, nós as receberemos com muito prazer.

Parabéns pelo trabalho dos senhores.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Nós ficamos orgulhosos. Nós estamos orgulhosos do trabalho de vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eu convido agora o meu colega, Delegado da Polícia Federal, Dr. Dornelles, e a Dra. Diana a tomarem assento para as suas manifestações.

Quero agradecer ao Departamento de Polícia Federal a possibilidade de ter enviado os senhores a esta Comissão. Não é de hoje que conheço o trabalho do Dornelles, principalmente na área de entorpecentes. No passado, tivemos condições de atuar junto com o Trussardi, o Dr. Luís Fernando e outros companheiros, em São Paulo. Falo em São Paulo, porque estive no Rio de Janeiro.

Então, com muito prazer, recebo o senhor, cujo trabalho profissional sempre foi dedicado ao Departamento de Polícia Federal.

Com a palavra V.S^a para as suas manifestações a respeito dos fatos; depois, será dada a palavra à Dra. Diana para, em seguida, fazermos os nossos questionamentos.

O SR. JOSÉ ANTONIO DORNELLES DE OLIVEIRA - Primeiramente, boa tarde, Exmo. Deputado Marcelo Itagiba, nosso Delegado de Polícia Federal, que honra a nossa Casa, o Congresso Nacional; Deputada Maria do Rosário, com quem já estive em outras audiências públicas, para tratar da questão da pedofilia; Deputado Pompeo de Mattos, com quem já tive o prazer de estar em Brasília para assessorar os trabalhos da CPI do Tráfico de Armas.

A Polícia Federal, com toda atenção, tem agido nessa questão dos crimes de conteúdo racista e neonazista. A nossa ênfase maior tem sido em função da Internet. Obviamente, a Polícia Civil tem suas atribuições tendo em vista que vários crimes circundam a questão do neonazismo, desses grupos. Inclusive quero parabenizar a Polícia Civil, do Rio Grande do Sul, na pessoa do Delegado Jorginho, que tão bem vem conduzindo as investigações. A Polícia Federal estará à disposição para auxiliá-lo nesse seu trabalho. À Delegada Diana, titular da Delegacia de Defesa Institucional, cabe a questão da pedofilia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Estou tão velho que para mim se chamava Delegacia de Ordem Política Social.

O SR. JOSÉ ANTONIO DORNELLES DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não me assusta com esse nome

aí, Dr. (*Risos.*)

O SR. JOSÉ ANTONIO DORNELLES DE OLIVEIRA - Ainda bem que aquele cara que está, em Brasília, sempre trocando o nome, resolveu trocar, não é Doutora? Porque sempre falávamos que alguém, em Brasília, vivia colocando as siglas para tocar os nomes.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Mas eles continuam?

O SR. JOSÉ ANTONIO DORNELLES DE OLIVEIRA - Não. Hoje, é Delegacia de Defesa Institucional.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Pelo menos, melhorou não é.

O SR. JOSÉ ANTONIO DORNELLES DE OLIVEIRA - Ela está voltada para os direitos humanos. (*Risos.*)

Bom, então, temos atuado mais nessa questão na Internet.

Obviamente, essas questões de racismo e neonazismo, há décadas, andam nos circundando, mas a Internet vem acelerando isso e tornando muito fácil essa divulgação. Os nossos jovens, talvez, os mais influenciáveis, têm aderido a essas ideias.

Temos feito algumas operações. Recentemente, em Belo Horizonte, em maio, fizemos a Operação OPA, que justamente combateu a divulgação de conteúdo racista e neonazista com alguns mandados de busca em Belo Horizonte, Contagem. Em determinados locais temos agido. Aqui, sob a condução da Delegada Diana, temos alguns inquéritos que investigam essa questão, principalmente no Orkut, uma das redes sobre a qual, como bem disse a Deputada, temos chegado a alguns acordos que tendem a melhorar.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - A duras penas.

O SR. JOSÉ ANTONIO DORNELLES DE OLIVEIRA - A duras penas, porque ainda carecemos de uma legislação mais eficaz para esse combate.

Quanto ao armazenamento de dados, nem os servidores nem os provedores têm a obrigatoriedade de armazenar os dados durante muito. Por isso, as coisas ficam mais difíceis. Tanto nesses casos, e no caso da pedofilia, a questão da prova, mais à frente, fica prejudicada, às vezes.

No Paraná, temos acompanhado um pouco a distância o setor de inteligência da Polícia Civil. Mas há alguns pontos com os quais podemos colaborar.

Os jornalistas falaram na questão do tráfico de armas, que nos interessa muito, até porque o Brasil, como signatário de diversos acordos internacionais, tem cobrado muito isso dos outros países, e os países têm-nos cobrado também.

Mas é uma questão na qual a Polícia Federal pode auxiliar. Até agora não recebemos nenhum pedido com relação à arma, que é da Polícia Federal argentina.

Hoje, para quem não sabe, temos várias adidanças. Temos adidos policiais na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, na Colômbia. Esses adidos podem, de forma rápida, auxiliar. Com o Uruguai, temos feito vários trabalhos, inclusive de combate à lavagem de dinheiro. O Uruguai tem tentado mudar a sua condição de paraíso fiscal. No que for crime lá, eles certamente nos ajudarão.

Então, deixo aqui talvez uma linha de investigação para que possamos, de repente, puxar o caminho dessa arma, acionando a nossa Divisão de Repressão ao Tráfico Ilícito de Armas em Brasília, que tem os contatos.

Inclusive podemos investigar até a fabricação da arma com a polícia americana, a ATF, se não me engano.

Inicialmente, quero dizer que a Polícia Federal faz esse trabalho. As polícias, subsidiária, paralela e, às vezes, integradamente, quando há a necessidade,

têm agido nessas circunstâncias. Claro que respeitamos quando já há uma investigação em andamento. E essa está sendo bem conduzida. Nós acompanhamos e solicitamos, inclusive, dados para que possamos conhecer esses fatos.

Parece que, nessa questão, o inquérito deve estar correndo em segredo de justiça. Nós aguardaremos, porque, posteriormente, nossas áreas de inteligência trocarão essas informações, que podem redundar em outros braços da organização.

Temos certa dificuldade jurídica, processual. No caso desse esfaqueamento ocorrido na saída do Gre-Nal, em 2007, por requisição do Ministério da Justiça, instauramos o inquérito policial. Esse inquérito foi instaurado na Polícia Federal e, creio eu, deve ter sido instaurado outro na Polícia Civil, em função de o registro da ocorrência ter sido feito lá.

A delegada Diana foi quem conduziu o início das investigações. Obviamente, a Justiça Federal declinou da competência, isso foi passado para a Justiça estadual e não tivemos mais notícias. Interpelamos o Grêmio e o Inter, na época, mas não recebemos as informações. Houve demora nisso.

Quero aproveitar até para parabenizar o pessoal de lá. As pessoas gostam muito de cobrar a atuação da Polícia, mas a população, a sociedade civil tem que se organizar e corrigir, nos seus clubes, essas situações.

O que me preocupa, para encerrar minha fala, Deputado, é aquela visão de futuro que estou tendo aqui. Agora estamos lidando com a situação de algumas pessoas que se vêm articulando com esses crimes de ódio. No futuro, teremos, quem sabe, ações terroristas.

Qual é a nossa legislação sobre terrorismo? Quais os crimes de terrorismo que o Brasil tem tipificados hoje? Não temos legislação específica sobre isso. Não temos um estatuto sobre terrorismo.

Muito bem, diz-se que, no Brasil, não há ações terroristas. Mas teremos uma Copa do Mundo em 2014. Não seria este o momento para pensar nisso? E aí parabeno a Comissão por partirmos para a melhora da legislação sobre terrorismo, problema que teremos que enfrentar, mediante uma política de prevenção, porque essas pessoas circulam pelo Brasil. Assim vamos já prever uma situação futura, porque, como temos notícia, esses grupos hoje se reúnem e combinam esfaquear alguém, ou jogar um coquetel na porta de tal embaixada. Se não tomarmos as rédeas desses grupos movidos pelo ódio agora, quem sabe amanhã não teremos carro bomba e outras ações? Não quero criar aqui nenhum tipo de alarde. Apenas estou com uma visão de futuro do que pode acontecer.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É a história do trem de novo.

O SR. ADRIANO DUARTE - Não se trata aqui da questão do terrorismo. Não costumamos falar sobre isso, nenhuma das polícias, porque não está tipificado. Nós temos de trabalhar em cima disso.

Encerrando, eu passo a palavra para a Dra. Diana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Agradeço a manifestação inicial de V.Sa.

Eu fui Relator de um projeto que se encontra na Câmara dos Deputados, encaminhado pelo Executivo, à época, pelo Ministro Miguel Reale Júnior, e que trata justamente do aperfeiçoamento ou de uma nova legislação de segurança - não se chama mais de segurança nacional, tem uma outra denominação.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Segurança institucional.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não é nem segurança institucional. É referente a liberdade, direitos. Trata-se de uma proposta de lei que me parece bastante apropriada. Está pronta para ser votada no Congresso Nacional, mas sempre sentimos um foco de resistência, porque acham que isso pode prejudicar este ou aquele grupo hoje existente no Brasil. Então, eu acho que é isso que precisamos ter como visão. Teremos aqui eventos importantes e precisamos estar cobertos por uma legislação que nos permita atuar, sob pena de termos de continuar usando a Lei de Segurança Nacional, que ainda vige no território nacional. Possivelmente teremos de utilizá-la no caso desses grupos específicos.

Quando eu insto a Polícia Federal a participar, Dr. Dornelles - e eu sei que o senhor vai reportar isso aos superiores em Brasília -, é porque esse crime, cuja investigação está sendo muito bem conduzida pela delegacia do Rio Grande do Sul, tem ramificações interestaduais. Ou seja, os crimes interestaduais que exigem repressão uniforme são atribuição e competência do Departamento de Polícia Federal. Então, aonde muitas vezes o Dr. Jardim não pode chegar, porque já está com acúmulo de trabalho, relacionado ao que está acontecendo no Rio Grande do Sul, o Departamento de Polícia Federal pode atuar em cooperação ou de forma integrada. Foi por isso que, inclusive, solicitei ao Departamento de Polícia Federal a colocação de uma equipe para atuar em conjunto conosco nessas investigações.

Agradeço novamente a V.Sa. a manifestação.

Passo a palavra à Dra. Diana Mann.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Boa tarde a todos. Primeiramente, eu queria falar um pouco das atribuições da delegacia onde trabalho, porque vi que causou espanto aos Srs. Deputados o fato de esse crime ser tratado dentro do DOPS, que hoje em dia não é mais DOPS, é DELINST - Delegacia de Defesa Institucional. Essa delegacia tem atribuição para investigar os crimes contra os direitos humanos. Então, é completamente diferente da concepção anterior que se tinha de repressão a movimentos sociais. Não é mais isso. Temos essa missão dentro da Polícia Federal de defesa dos direitos humanos. Dentro das nossas atribuições, que crimes podemos apurar? Os crimes previstos em tratados internacionais - e o racismo está previsto num tratado internacional do qual o Brasil é signatário - e que têm repercussão internacional.

A repercussão internacional no caso se dá pela Internet. Se esse crime for cometido através da Internet e qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo puder acessar essa página, essa comunidade onde houve o racismo, então existe a competência da Justiça Federal e nossa, como polícia judiciária da União.

Também poderíamos atuar naquele caso da repercussão interestadual, mas aí atuaríamos perante a Justiça estadual, e isso não excluiria a competência das polícias civis.

Temos várias investigações em andamento na Polícia Federal aqui no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, sobre discriminação na Internet. Vários perfis estão sendo investigados. E por todo o País são centenas de investigações sobre postagens de manifestações racistas na Internet.

Não sei qual perfil o jornalista usou, mas pode ser que ele esteja sendo investigado pela Polícia Federal, e, obviamente, ele não sabe disso, porque as investigações são sigilosas. Depois eu vou pegar esse dado para fazer a

verificação.

No caso do inquérito que partiu do gabinete do Deputado Marcelo Itagiba, eu recebi a requisição. O Ministro da Justiça, Tarso Genro, determinou, com base na Lei 10.446, da repercussão interestadual, e pelo fato de ser um crime contra os direitos humanos, e instaurei o inquérito.

Começamos as investigações e temos um prazo para concluí-las. Não foi concluído dentro do primeiro prazo de 30 dias, então remeti ao Judiciário pedido de prazo, e a Justiça Federal entendeu que teria que declinar para a Justiça estadual, e o inquérito não voltou mais. Ficamos sem concluir a investigação. Oficiei à Justiça, solicitando a baixa dos autos para a conclusão e até agora não obtive resposta. Mas existe, sim, um inquérito, um processo com ênfase não na lesão corporal, mas na questão do racismo.

Outra questão que é importante salientar aqui é relativa às dificuldades que esse tipo de investigação apresenta.

A Deputada comentou sobre as páginas hospedadas no exterior. Além dessa dificuldade, existem outras. Não há legislação no Brasil que determine aos provedores, as empresas que têm a informação de quem estava usando aquela conexão, o armazenamento desses dados. Então, se eu for muito rápida e começar uma investigação de algo que foi postado hoje na Internet, fizer essa requisição amanhã ao juiz e, depois de amanhã, ele me mandar o alvará, pode ser que não haja como descobrir, porque os provedores não são obrigados a guardar essa informação. Então, é uma dificuldade a mais. Alguns guardam. O Google assinou um Termo de Ajustamento de Conduta e se comprometeu a guardar por 180 dias. Mas os outros provedores não. E se eles não tiverem o dado, ou simplesmente me disserem que não têm o dado, a investigação acaba ali; pelo menos essa linha de investigação. Então, são essas as dificuldades que existem, e é importante também esclarecer isso, principalmente para os legisladores.

Nós que trabalhamos com isso sabemos que existe um *lobby* muito forte dos provedores para impedir que essa lei - há um projeto de lei sobre isso - seja aprovada, sob a falácia de que seria censura na Internet. Nós que investigamos e nos preocupamos com a sociedade sabemos que isso é uma mentira. Não vai haver censura, mas sim responsabilização por ilícitos. Isso não tem nada a ver com censura.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Não é o projeto do Eduardo Azeredo, é?

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - É esse projeto.

(Não identificado) - Parece que tem a ver mais com o custo de armazenamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Na verdade, só fazendo um raciocínio rápido, bastaria aplicar o mesmo procedimento e a mesma lógica que se utiliza hoje para os meios de comunicação, que são obrigados a manter durante determinado prazo em seus arquivos programas de radiodifusão, programas de televisão.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Seria o mesmo raciocínio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - É só aplicar a mesma norma. Fica aí uma sugestão para propormos como legislação.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - A tendência, pelo que tenho observado, é tentar resolver esse aspecto e não outros. Mas esse aspecto precisa de solução: a responsabilidade dos provedores de manter os dados,

informar as autoridades e dar abertura a conteúdos, diante de determinados perfis de crimes de ódio, de pedofilia etc. Essa é uma questão.

O projeto do Senador Azeredo é muito mais amplo. Talvez nós tenhamos de fatiá-lo para conseguir a sua aprovação. Mas nós vamos dar um jeito, até porque esta Comissão pode propor matérias.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Até para as pessoas perderem essa impressão de que na Internet tudo pode, que é uma terra sem lei.

O que se percebe muito nas investigações desses fóruns e comunidades é que as pessoas se utilizam daquela situação: o que você faria se ninguém pudesse ver? Começam a falar todo o tipo de absurdos e postar comentários dos mais diversos tipos, ofensivos às mais diversas classes, categorias e raças, e não se importam, porque acham que estão anônimas.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu acho que o que tem que deixar claro, Deputado Marcelo Itagiba, Dra. Diana e Dr. Dornelles, é que passa a impressão - e é isso que a Câmara dos Deputados e o Senado debatem bastante, em função do projeto do Senador Azeredo - da chamada censura da Internet. Eu acho que a Internet não tem que ser censurada. Realmente não tem. Agora nós aprovamos lá um projeto de lei em relação à questão da política...

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - A obrigatoriedade de gravar um registro...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não é censura.

Então, eu acho que na Internet, vamos dizer, tudo pode, mas não quer dizer que tudo que pode fica por isso mesmo. Essa é a diferença.

(Não identificado) - Permite-me, Deputado? Acho que isso passa por um custo de armazenamento, e a empresa não quer ter esse custo de armazenamento. Custa caro, de repente, armazenar isso por determinado tempo. É muito volume.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - A questão de fundo é esta: o custo para os provedores.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas é um preço que a sociedade vai ter que pagar. Nós temos que calcular isso e inserir no preço. A democracia tem preço, o mandato tem preço, enfim, tudo tem preço, dentro da razoabilidade, dentro do equilíbrio, dentro das questões republicanas.

Acho que não tem que ter censura realmente na Internet. Aliás, há uma discussão ainda em pauta - na CPI do Sistema Carcerário, nós discutimos muito isso -, o bloqueio de celular nos presídios. Há uma controvérsia sobre isso. Alguns acham que se se bloquear o celular no presídios, os presos não falam; mas, se não se bloquear, eles falam, e a política fica sabendo o que eles falaram.

No caso da Internet, deixe que falem. Agora toda ação causa uma reação. Ocorre que hoje há uma ação e uma inanição. Nós não temos postura proativa. E o que nós precisamos é dessa responsabilidade. Tu podes falar tudo, mas o provedor tem que ter a responsabilidade de garantir que as autoridades possam acessar as informações sobre aqueles que falaram tudo de forma irresponsável e praticaram crimes na Internet. Essa é a diferenciação básica que tem que haver.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - A Constituição reza que é livre a manifestação do pensamento, vedado o anonimato. Então, nós temos um argumento forte...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O do anonimato.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - ...dentro da própria Constituição.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Perfeito.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Era isso. Coloco-me à disposição.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Parabéns! Quero parabenizar a Polícia Federal, que sempre foi competente nas suas tarefas. Eu dou testemunho, porque estive na CPI do Narcotráfico, na CPI do Roubo de Cargas, na CPI do Tráfico de Armas, na CPI de Escutas Telefônicas e na CPI do Sistema Carcerário. Em praticamente todas elas nós nos valemos de informações, dados, elementos etc. E vimos a importância da Polícia Federal no contexto dessas perquirições.

Era só para agradecer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eu solicito aos delegados, se possível, que encaminhem à Comissão a relação dessas investigações e um pequeno relatório de quais são essas investigações, que fatos estão sendo investigados, atribuídos a quem e em que procedimentos, para que possamos ter essa relação. Eu acho que isso seria importante para os trabalhos da Comissão.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Eu posso fazer esse apanhado sem indicar nomes e investigados, porque esses inquiridos são todos sigilosos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Estão todos sob segredo de justiça, não é?

(Não Identificado) - Correndo sob segredo de justiça.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Eu posso fazer uma estatística, alguma coisa mais genérica, tipo criminal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Acho que tipo penal e o número do inquirido pode ser.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Isso pode .

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Talvez o nome das pessoas, no momento, não.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - O nome não dá, não tem como.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas poderia citar a vara, o número do procedimento, o tipo penal, para que a gente, inclusive, possa solicitar ao juiz, se for o caso, o compartilhamento desses dados conosco.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputada Maria do Rosário, alguma solicitação?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Não. Meus cumprimentos e agradecimentos. Contem conosco também no trabalho. Estamos coordenados pelo delegado Itagiba, mas com contato direto com vocês aqui.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Só para acrescentar, também é na DELINST que se investigam os crimes de divulgação de imagens de exploração sexual infantil.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Parabéns!

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - E essas dificuldades também são as mesmas para investigar esses crimes.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Eu vou lhe fazer uma visita para conversarmos sobre essas coisas.

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Ah, será muito bem-vinda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Agradeço muito a presença de ambos os colegas do Departamento de Polícia Federal. Apresentem minhas

recomendações ao superintendente. Espero que possamos avançar ainda mais nessas investigações, para que, na conclusão, possamos dizer que a Polícia Civil agiu de forma correta e competente nesses casos, assim como a Polícia Federal, que inclusive trouxe subsídios interessantes. Por exemplo: trouxe um caso, se não me engano, de Belo Horizonte, que foi citado aqui pelo delegado Dornelles. Se pudesse apenas explicitá-lo antes de encerrar, acho que seria importante para os trabalhos, porque até agora não havia surgido para nós Belo Horizonte.

O SR. JOSÉ ANTÔNIO DORNELLES DE OLIVEIRA - Eu ouvi falar, estava na Internet, e hoje eu fui buscar. Eu acho que isso foi publicado em 29 de maio. Primeiro queria até pedir desculpas em nome do delegado Ildo Gasparetto, que foi convidado e até teria comparecido, mas por questões outras - o delegado Stocker nos deixou na mão e está indo assumir a superintendência de Santa Catarina -, estamos praticamente eu e o delegado Gasparetto atendendo a todas as solicitações.

Deixo aqui, portanto, as nossas desculpas, em nome do nosso superintendente, que, certamente, teria vindo se pudesse.

Foi feita uma operação na região metropolitana de Belo Horizonte para combater crimes pela Internet: divulgação de conteúdo racista e neonazista. O nome dado à operação foi OPA, que significa a disseminação de ódio e preconceito por acesso à Internet.

Foram cumpridos alguns mandados de busca em Belo Horizonte e Contagem. Acho que há subsídios interessantes aí.

A prisão foi com base no art. 20 da Lei nº 7.716, que prevê pena para quem pratica, induz ou incita a discriminação ou o preconceito de raça e para quem fabrica, comercializa, distribui ou veicula símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda nazista.

Então, deve ter até algum material...

A SRA. DIANA CALAZANS MANN - Se não me engano, eles apreenderam bandeiras...

O SR. JOSÉ ANTÔNIO DORNELLES DE OLIVEIRA - ...livros, suásticas, esse negócio.

É interessante. Eu passo isso aos senhores depois. Encaminho junto com o relatório. Vamos fazer um levantamento das operações que já houve com relação a isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Muito obrigado.

Vou convidar agora...

(Não Identificado) - Gostaria de uma manifestação antes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pois não.

(Não Identificado) - Foi citado o nome de uma pessoa ali, de um rapaz que era integrante...

Vocês estão me ouvindo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sim.

(Não Identificado) - Esse nome foi preservado durante as reportagens. Nós não usamos ele, inclusive porque ele corre risco de vida. Agora fica a critério do delegado, de repente...

(Não Identificado) - Eu ia dizer exatamente isso. Nós colaboramos um pouquinho mais para que seja agilizada a morte desse rapaz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eu acho que não. Isso aqui vai ficar mantido...

(Não Identificado) - É muito perigoso citar nomes.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Podemos não escrever, podemos não dizer. Não deveria ter sido dito, porque quando se fez a pergunta...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas esse dado não será por nós disseminado.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Depois, no final, vamos esclarecer qual é o nome. Vários nomes foram citados aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Se for o caso, se houver necessidade, podemos trabalhar com o programa de proteção a testemunhas.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Nós estamos à disposição para composição de soluções. Então vocês também não digam os nomes. Só digam em sigilo.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Peço ao Delegado Jardim que tome assento. Eu vou suspender a reunião por apenas 5 minutos, e já voltamos.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu lamento, Delegado Jardim, mas eu vou tomar conhecimento da sua exposição pelas notas taquigráficas. Eu tenho um compromisso às 16h30min e não vou poder ficar. Deixo aqui um abraço. Eu vou acompanhar de perto esse caso.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - *(Inaudível.)* que tome assento e que faça a sua importante exposição de tudo aquilo que foi capaz de apurar até o momento, para que nós possamos ter, vamos dizer, o verdadeiro raio X dessa situação no País.

Passo a palavra ao Dr. Jardim, para a sua apresentação.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Obrigado, Deputado. Boa tarde a todos. Quero, preliminarmente, saudar o Presidente da Comissão por essa iniciativa maravilhosa e surpreendente. Gostei muito.

Trouxe farto material, mas gostaria de fazer uma preliminar.

Cumprimento o senhor. Como delegado e colega V.Exa. entenderá muito a minha linguagem e a forma como vou me expressar. Saúdo também a Deputada Maria do Rosário, um ícone da política gaúcha. Particularmente a respeito e a admiro pela sua dignidade e por sua postura. É uma pessoa que sempre respeitei e admirei muito. Não sei se já tinha dito isso publicamente, Deputada, mas acredite. Aliás, sempre que posso digo isso aos meus amigos. Sr. Presidente, o movimento *skinhead*, ou movimento neonazista, ou nazi, começou a aparecer, aqui no Rio Grande do Sul, especificamente - pelo menos para mim, quando fiz a descoberta -, em torno de 2000, 2002, quando o movimento Justiça e Direitos Humanos, do Dr. Jair Krischke - até achei excelente a sugestão de convidá-lo para participar -, me procurou. Na época, eu era Diretor do Departamento de Polícia Metropolitana. O Dr. Jair Krischke me pediu que recebesse algumas pessoas que estavam sendo agredidas por um grupo maluco, dizia-me ele, chamado *skinhead*.

Temos uma avenida aqui em Porto Alegre chamada Osvaldo Aranha. Nos finais de semana, sempre havia agressões: *skinheads* contra *punks*, outra tribo. O senhor conhece os *punks*, mas os *punks* gaúchos são diferentes. Os *punks* gaúchos não enfrentam, não brigam. Eles só querem paz e amor, beber e cheirar muito. Eles não são de atrito. Os *punks* apanhavam muito. De quem apanhavam? Desse movimento *skinhead*, dos fortões.

Interessei-me pelo assunto e montei no meu gabinete um setor de investigação sobre esse tipo de delito que estava acontecendo com maior frequência. Fiz algumas pesquisas em algumas delegacias, vi que havia alguma incidência e trouxe para o gabinete. A partir daí interessei-me pelo assunto.

Comecei a estudar o movimento e confesso que aprendi muito com eles, porque nazismo e neonazismo e Segunda Guerra Mundial para mim até então nunca foram motivo de interesse.

Os ataques começaram a se suceder de forma sutil. Por exemplo, eventualmente eles pegavam um cachorro e atacavam uma senhora na rua, para mostrar força. Na realidade, eles são covardes. Eles não fazem ataques individuais, uma pessoa contra uma ou duas contra duas. É sempre um grupo de 10, 15, contra 2 ou 3. É uma média de 5 para 1, sempre.

Fizemos, então, os primeiros inquéritos. Lembro-me de que os primeiros eram termos circunstanciados, porque os delitos eram de pequeno poder ofensivo, a lesão não era tão acentuada. A pena ia até 2 anos, então ficavam por aí os procedimentos policiais.

Eu comecei a estudar e me interessei pelo assunto. Comecei a buscar neles o conhecimento. O que é aquilo? Uma gurizada inteligente, uma gurizada que sabia fundamentar, que sabia argumentar; basicamente argumentar bem. Que coisa era essa que eu não conhecia? O ápice de toda essa investigação da Polícia Civil do Rio Grande do Sul e de todo esse preparo que o senhor vai ver que temos hoje aconteceu em 10 de maio de 2005, exatamente quando havia um grande movimento judaico internacional, porque estavam sendo comemorados os 60 anos do fim do holocausto. Aqui na Lima e Silva, um grupo de nazi, *nazi-skin* -- daqui a pouco vamos ver as diversas diferenças, as diversas famílias, as diversas estruturas desse movimento --, resolveu mostrar que existia. E a forma como resolveu fazer isso foi com um ataque com estrutura militarizada, um ataque muito forte contra 3 pessoas, sendo que 2 eram judias. O outro não era judeu, mas como o rapaz estava de kipá apanhou muito. Vamos ver a fotografia dele depois. Foi um ataque organizado.

Enquanto 4 batiam, os outros 4 desafiavam o povo, quem não estivesse gostando. E os outros 3, em pontos diferenciados, davam as coordenadas: "*Vai para a direita! Vai para a esquerda! Olha a polícia!*" A uma voz de comando de um deles todos correram, porque a polícia estava chegando.

A partir daí, instauramos o primeiro grande inquérito. Já tínhamos vários outros, sempre com lesão corporal. Eu encaminhava esses inquéritos para a Justiça comum. Entendi que não estávamos mais tratando de formação de quadrilha, corrupção de menores, porque eventualmente tínhamos ali um menor, mas, sim, estávamos tratando de um homicídio na forma tentada.

Eu não podia e não posso admitir, como nos outros inquéritos, inclusive esse a que se referiram há pouco, que também foi enquadrado em homicídio na forma tentada, não podia admitir que 12, 15 pessoas agredissem uma no chão com o objetivo de brincar, pisando na cabeça, dando pontapé e várias estocadas de punhal. Isso, para mim, é uma tentativa de morte.

Esse inquérito teve repercussão muito grande aqui no sul e foi encaminhado para a 2ª Vara do Tribunal do Júri. O Ministério Público denunciou. A fase de instrução aconteceu e foi bastante demorada, em razão do número de pessoas; muitas testemunhas, muitos acusados. Hoje, esse processo está com o Júri para que ele se pronuncie. A última notícia que tenho é de que o Judiciário agora o está manuseando.

A partir daí tivemos esse marco no Rio Grande do Sul. Foi o grande momento do meu aprendizado. Quando digo meu, refiro-me à Polícia Civil, à polícia judiciária, porque todos eles têm uma postura ereta. Nenhum deles se apresenta ou se sente como um marginal, como um bandido, como membro de gangue. Muito pelo contrário, todos eles se apresentam como presos políticos. E eu tenho documento no qual eles dizem isso, inclusive a técnica de como se devem comportar na condição de presos políticos. É isso o que eles pensam. E tendo-os na condição de presos políticos, começamos a dialogar sobre o porquê das coisas, o porquê desse movimento.

No meu estudo, fui a uma época anterior a Hitler. Tentei descobrir a origem do movimento nazista. Procurei descobrir também o sentimento esotérico que se esconde atrás da suástica e o porquê do movimento hitlerista.

Basicamente fui para mil oitocentos e noventa e poucos. Helena Blavatsky, uma teosofista, talvez a mais importante do mundo, quando definiu os 7 momentos do mundo, das diversas camadas do mundo, disse que na segunda camada estaria a camada ariana. Ali estava a grande inspiração de Hitler. Alguns livros, tipo *Mein Kampf*, livros anarquistas, inclusive as obras revisionistas que eles me sugeriram ler, eu li. *"Delegado, o que o senhor tem lido ultimamente?" "Olha, eu tenho lido tal." "Então, vou dar um livro para o senhor ler"*.

Nenhum deles ganha dinheiro com o que faz, nenhum deles melhorou a sua situação de vida sendo nazi ou *skin*. Eles fazem isso por prazer. Eles acreditam no que estão fazendo. E mais, a insanidade chega a tal ponto que eu digo a eles: *"Mas escuta, você não tem pena, não tem dó, afinal de contas estão massacrando as pessoas?"* Porque não é o matar, é o matar de forma cruel, o matar de forma destrutiva, para mostrar o poder. Tanto que há algumas fotografias deles com o globo em que eles de botas, pisando em cima. Eles estão acima do mundo.

A resposta que ouço é esta: *"Delegado, se o senhor está na sua casa e há umas baratas, ou se o senhor está caminhando no campo e aparece uma formiga, e o senhor pisa em cima da formiga ou da barata, o senhor fica com pena, o senhor fica sofrido com isso?"* Fiquei aguardando para ver a resposta. *"Pois é, delegado. Na realidade estamos fazendo uma limpeza para a sociedade, porque isso é uma sub-raça. Isso não tem valor"*. O que é o "isso"? "Isso" é o negro, "isso" é o homossexual, "isso" é o judeu e o nordestino.

Notamos uma diferenciação na forma de ataque deles, no Paraná e no Rio Grande do Sul. Depois, se o senhor quiser, podemos fazer uma análise de ambas as situações. Lá eles priorizaram atacar os homossexuais. O ataque lá é em relação aos homossexuais. Aqui no Rio Grande do Sul, não, a prioridade são os judeus.

Então, o sentimento que os nutre, acreditem - por isso a minha preocupação, quando foi citado aqui um nome -, é o sentimento do ódio, mas um ódio prazeroso. Eles têm prazer em ter ódio e têm prazer na violência. Tanto que na conversa entre eles ou na correspondência que trocam -- temos esses documentos --, sempre iniciam ou terminam assim: *"Meu ódio continua o mesmo. Meu ódio não mudou. Meu ódio ainda existe"*. E contam isso com orgulho, com satisfação, como se dissessem: *"Esta é a nossa forma de mostrar que estamos contra todos"*.

Ouvi frases assim: *"Delegado, o senhor é um enganado. O senhor e essa imprensa sionista estão sendo ludibriados, porque esses judeus compraram*

vocês. Os políticos, não só brasileiros, mas do mundo inteiro, são comprados por esses sionistas. O holocausto nunca existiu. O que o senhor leu sobre o holocausto, Delegado? Quem sabe o senhor lê para saber se o holocausto existiu ou não. Tem uma obra muito boa". E eu disse: "Mas também tem outras obras que falam o contrário". Mostro a fotografia para eles, e dizem que é montagem.

O neonazismo no Rio Grande do Sul apareceu no final da década de 80. Esse trabalho que a Deputada sugeriu que fosse feito anteriormente já temos todos os estudos há algum tempo. Só que, para ganharmos tempo, preparei um primeiro painel contando todo o histórico. Não sei se já tinham ouvido todo esse histórico, porque há outros fatos mais importantes. Mas o histórico, Deputada, basicamente, se prende à fase inicial, na década de 60, quando se iniciou todo esse movimento na Inglaterra.

Isso que temos hoje aqui se iniciou na Inglaterra, mas não se iniciou como um movimento de *skinheads*, um movimento nazista; iniciou-se como um movimento de jovens indignados que, no momento em que o país estava perdendo seus empregos, em função do número de imigrantes, resolveram combater esses imigrantes que chegavam à Inglaterra. E o que fizeram? Atacaram judeus, árabes, negros, indianos etc. E a forma de eles pararem na frente das fábricas e expulsar essas pessoas, no início da década de 60, era usando taco de beisebol, coturno, porque trabalhavam em empresas, em grandes fábricas. E eram cabeludos. No início eles eram cabeludos. Eles só cortaram o cabelo na década de 80, porque a polícia gostava de puxá-los pelos cabelos, quando os prendia. Então resolveram cortar o cabelo.

Esse movimento surgiu como modismo. Tudo isso é muito explicado neste material que tenho. Até chegar à década de 80, quando chegamos ao Brasil...
(Pausa.)

O senhor está lendo, Deputado?

(Segue-se exibição de imagens.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Estou lendo: o movimento *skinhead* apareceu no final dos anos 60.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Isso.

Era um modismo. Eles variavam em função de opção musical, em função de forma de vestir. As variações eram as mais diversas.

Na década de 70, logo vamos ver, começou a aparecer um movimento mais forte. Onde? No ABC, em São Paulo. Estamos falando de um modismo de jovens.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em São Paulo, eles apareceram em 1985, mais ou menos.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Em São Paulo, 1985. Tínhamos os Carecas do ABC e os Street Punks.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eu era da Polícia Federal em São Paulo nessa época e fizemos investigações sobre eles. Eles agiam principalmente contra nordestinos.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Isso.

Na década de 70, eles resolveram cortar o cabelo em função das prisões que a polícia fazia com muita frequência. *(Pausa.)*

Vejam só que na origem havia *skins* negros também.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Sim. A música jamaicana, exatamente isso.

Eram grupos de jovens que começaram a se diferenciar em função dos seus gostos. Tem um lado que se direcionou para o homossexualismo. Logo vão aparecer. A nossa preocupação para 2014 está aqui: os *hooligans* que virão para o Rio Grande do Sul.

Começou a aparecer o primeiro racha no final... O senhor já estava na delegacia em 1978, Deputado?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não, a nossa investigação se deu em 1986, 1987, por aí.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Vamos chegar à década de 80, então. Começaram a se multiplicar as novas gerações de *skin*, influenciados pelo *punk*, ouvindo o *punk rock*, com visual menos arrumadinho. As roupas deles começam a fazer com que eles se distanciassem.

O Oi referido aqui é um estilo musical que tem 2 sons, um agudo e um mais grave. Em cima disso eles saem pulando. Os Sharpes são hoje apontados como homossexuais, são aqueles que não aderiram a nenhum tipo de racismo. Eles estavam na deles. O Rash é outro grupo que também não aderiu ao nazismo.

Ele está passando rápido porque a parte mais importante está no final. Aqui já começamos a notar que apareceram os *skins* comunistas. Aí já vem o movimento na França, na Espanha, na Alemanha. Logo, logo, vem a grande inspiração brasileira, a Ku Klux Klan. Os *skin-nazi*, que em geral usam um visual diferente, curtem um som puxado para o *hard rock*, tocado em baladas diferentes, porque esses são mais vinculados ao homossexualismo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Como assim vinculados?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Eles entendem que os Sharpes são homossexuais, porque se vestem com roupas diferentes, mais espalhafatosas. Veja, Deputada, que a raiz é da Inglaterra. Depois começaram a se dividir em diversos segmentos, em razão das opções - sexual, musical -, da cor. White Power é força branca.

Já estamos na década de 80, quando o Deputado era delegado. Já existiam as gangues. Já começavam a montar as agremiações pelas suas opções. Em 1982, o movimento mudou para uma ideologia mais anarquista, um combate efetivo, coletivo, ao Estado, às normas sociais e às regras burguesas. Lendo obras anarquistas, vemos que quem se comporta hoje como anarquistas são os *punks*. Para eles vale tudo, a qualquer momento, a qualquer hora. Não existem regras a cumprir.

Já estão aparecendo agora os carecas na cidade.

Vejam o motivo da briga inicial deles: é porque um gosta de um tipo de música, o outro gosta de outro tipo de música. A violência física, no entanto, passou a ser característica do recém-formado Carecas do Subúrbio, em São Paulo. Aí estão eles.

Aqui temos o fardamento tradicional tanto do *skin* quanto do *skin-nazi*. Essa bota tem o cadarço branco. Não sei se dá para notar bem.

O motivo do branco é um simbolismo, porque a bota é preta, mas o preto é o que arrasta no chão. Então, o branco oprime, comprime, enfim. O cadarço branco mostra a superioridade sobre o preto. O branco é superior ao preto. Por isso essa bota preta tem que ter um cadarço branco, que a está amarando.

O instrumento de agressão é o taco de beisebol. Aqui, no Rio Grande do Sul, eles usam um pedaço de madeira ou martelo. Têm usado martelo em alguns ataques, porque, repito, eles não se limitam a agredir. Têm que massacrar.

Têm que mostrar força.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Mas aqui já não era em razão da música.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Não, não. Já estamos nas décadas de 80 e 90. Estamos entrando na raça pura.

O conceito de nacional-socialismo deles é impressionante. Deputada, se o nacional-socialismo deles é o que eles dizem, é como V.Exa. pensa e como eu penso: amar pai e mãe, respeitar os direitos da Pátria, honra etc. As nossas definições são as mesmas.

Agora, a filosofia de vida já começou a valer para essa nova fase, bem como a nova diferenciação comportamental.

Agora estamos chegando ao Rio Grande do Sul.

O grupo passa a angariar simpatizantes não apenas na Grande São Paulo, mas também no sul do País, com grande presença de grupos de origem europeia. Eles entendem que Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná são os lugares mais adequados para esse novo mundo, essa nova cidade, enfim, para implantar o neonazismo. Por quê? Em função das nossas origens: italiana, alemã. Eles acreditam muito nisso e se fundamentam nisso.

E aí começa aparecer o White Power, a força branca. A força branca, num primeiro momento, existe em âmbito nacional. E o que eles mais vendem é a força branca. A força branca age contra quem não é branco e quem não é puro.

A partir da estética e da ideologia hitlerista, acreditando na superioridade da raça branca, eles adotam uma política do ódio contra negros, judeus, homossexuais e nordestinos, considerando-os sub-raças. Por isso comparam com matar uma barata. Matam os outros de forma igual. É a mesma coisa; não muda muito.

E surge também, neste momento, o primeiro movimento separatista, no final da década de 80, início da década de 90. Por que eles começaram com essa ideia? Porque no sul era mais fácil vender o nazismo, vender a ideia de raça pura, como eles dizem. Apareceram vários livros. Nós apreendemos vários livros. Há muitos deles apreendidos. Eu vou mostrar. Como V.Exa. pediu algumas obras, já estão todas aí. Vou elencar.

Aí o vínculo com a Ku Klux Klan, inclusive com os símbolos deles - nós vamos mostrar algumas tatuagens -, o orgulho branco internacional, aquela cruz celta. Eles aderiram a isso imediatamente e, hoje, no Brasil, eles usam uma cruz celta, juntamente com uma outra cruz, a do White Power Sul Skin - a força sul dos *skin*.

Esse material nós apreendemos. Vamos mostrar já, já.

Aqui estão os nossos. Hoje esse movimento está muito dividido. Hoje temos o Neuland, esse que matou no Paraná; temos o Blood and Honor (sangue e honra), o BH; temos os nazi; e os *skin-nazi*.

Esse é o grande símbolo deles, o White Power Sul Skin.

Isso que vemos aqui no meio é o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, onde eles imaginam que é possível implantar o nazismo. Por isso o Rio Grande do Sul, Deputado.

Esse panfleto nós pegamos em Porto Alegre, em diversas oportunidades, de diversos movimentos. Inclusive na passeata *gay* de 2007 nós ainda conseguimos pegar o pessoal.

Esse símbolo 88, como já foi dito pelo jornalista, é referente à 8ª letra do

alfabeto, o agá, numa referência a Heil Hitler. Da mesma forma o nº 18, Ave Hitler. O número 14 também é um número simbólico do neonazismo, porque são 14 palavras mágicas, que eles entendem como as palavras de força: devemos preservar nossos filhos e a pureza da raça branca, para que tenhamos um mundo melhor. Isso dá 14 palavras. O número 14 para eles é um número importante.

Eles têm uma hierarquia muito forte, e essa hierarquia nós conseguimos detectar, em função da tatuagens, que logo vou mostrar.

Em seguida, vem a explicação dos 2 agás, Heil Hitler.

O grande ataque em 2005.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Não. Esse inquérito está na 2ª Vara do Júri, como disse para o senhor. Está na fase de pronúncia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - É que ali estava escrito condenação.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - No pescoço dele?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não, a transparência dizia condenação.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Não, mas não foram condenados. De repente, a condenação é um outro movimento.

Volta um pouco. Que condenação é essa?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - A palavra condenação? Talvez seja em função dos outros inquéritos e não desse a que o senhor está se referindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ali: condenação de cinco de seus integrantes. Está vendo?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Ah, sim, sim. Vários deles foram condenados, mas como os delitos eram de pequeno poder ofensivo, num primeiro momento, eram lesões, as penas estavam na fase inicial da cesta básica, de trabalhar em alguma instituição de caridade. Realmente, tivemos várias condenações, mas nos inquéritos menores, aqueles que nós chamamos de termos circunstanciados. Nos inquéritos sobre crimes de maior poder ofensivo, não tivemos julgamento ainda.

Aliás, Deputados, é importante que se diga que, quando esse julgamento acontecer no Rio Grande do Sul, teremos o primeiro caso internacional de júri popular julgando neonazismo, porque foram 9 pessoas indiciadas, e o Judiciário denunciou 14. Então, isso deve ter uma repercussão muito grande, porque na época a imprensa do mundo inteiro nos procurou para saber o que estava acontecendo.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Nós temos de consultar esse processo.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Com certeza. Esse processo está na 2ª Vara do Júri. Eu tenho a numeração dele e posso conseguir, inclusive, uma cópia para a senhora.

Para o senhor ter uma noção, Deputado - a Deputada Maria do Rosário é da nossa Casa -, sobre a repercussão que teve na mídia este material sobre o neonazismo no sul do Brasil. São matérias de jornais aqui do Rio Grande do Sul.

Nós estivemos na *(ininteligível)* o caso de um rapaz que se candidatou a presidente do centro acadêmico, usando como propaganda o antissemitismo.

Essas matérias são muito grandes, mas não estão muito nítidas.

Esse é um comunicado que a Federação Israelita fez, cumprimentando a polícia gaúcha.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Esse material é o que havia lá?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Sim. Vamos mostrar depois, colorido, o material que está conosco. A senhora vai se surpreender. Aqui a senhora consegue ver um pouco do material, Deputada. Mas é muito mais do que isso. Na última apreensão, no mês passado, quando conseguimos desbaratar uma célula, conseguimos em torno de 300 peças, inclusive 3 bombas.

A Banda Zurzir é uma das bandas que eles utilizavam muito para vender a imagem de Hitler, o grande pai branco, o grande protetor.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - É uma coisa até messiânica.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - É messiânica. Eles acreditam nisso. É uma coisa impressionante. Quando estivemos no Paraná e conversamos com os presos lá... É claro que, na condição de presos, esperando julgamento, eles se dizem arrependidos, dizem que agora mudaram de opinião etc. Mas começamos a conversar sobre a ideologia, sobre a doutrina, e eles sabem tudo. Eles argumentam indicando obras e falando das mentiras da humanidade.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Esses participantes têm relações familiares?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Temos o perfil deles. São de todos os segmentos sociais. Muitos deles trabalham em lojas, na condição de balconistas. Mas temos gente com pais com nível superior, professores universitários; temos muito deles que viajam muito. Há uma menina inclusive que tem alguns cursos na Inglaterra e que orienta os demais.

A editora que o senhor perguntou, Deputado, foi processada e fechada depois. E o Wander hoje está bastante adoentado, numa cadeira de rodas. Na última vez que conversei com ele, ele mal conseguia balbuciar as palavras. Mas, mesmo falando com dificuldade, ele dizia que continuava com as mesmas convicções.

Olha aquela agressão a uma senhora aqui em Porto Alegre.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - E esse caso dessa senhora?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Eles praticaram lesões de pequeno poder ofensivo e foram condenados a uma pena simples.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Mas eles atacaram a senhora por quê?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Para mostrar força, para aparecer.

Deputada, estamos falando de covardes, doentes. No fundo, são uns doentes mentais, sem sombra de dúvida, com uma imbecilidade a toda prova e que argumentam como gente grande.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Ela era negra? Tinha alguma motivação de ódio racial?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Não, não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Não queriam roubar nada.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Não queriam roubar nada. Só para mostrar para ela o poder daquele cachorrão.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Era um cachorro?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Era um cachorro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Nossa! *(Pausa.)*

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Aqui uma tradicional briga de *skins* contra *punks*, no Rio Grande do Sul.

Aqui foi quando nós indicamos todos eles. *(Pausa.)*

O rapaz a que se referiram hoje está ali. *(Pausa.)*

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Por que tinha uma tarja nos olhos dele?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Porque algumas dessas fotos nós localizamos com eles, e eles mesmos colocavam tarjas. Temos inúmeras fotos identificando as pessoas, mostrando quem é quem aqui, mas temos dificuldade de mostrá-las.

Algumas dessas fotos nós pegamos da Internet também, porque eles gostam de contar as façanhas na Internet. *(Pausa.)*

Um pouco do material apreendido.

Coloca o material apreendido com a torcida do Grêmio.

Ouvi que se falou aqui sobre os nazi na torcida do Grêmio. Deve-se registrar que a torcida do Grêmio não tem nada a ver com isso. Foi um grupo de nazistas que nós já conhecíamos das primeiras prisões de 2002 e 2003 que fez esse ataque forte em 2005, e estava instalado na torcida geral do Grêmio. Nós os identificamos, num primeiro momento, pelo Orkut - foi fácil identificar - e, num segundo momento, no próprio Estádio Olímpico. Com máquinas fotográficas, filmadoras, pegamos vários deles. Foram também indiciados. Nesse último ataque que tivemos há 2 meses, no Zaffari da Lima e Silva, 2 deles que vão aparecer aqui já foram indicados e estão denunciados por tentativa de homicídio. *(Pausa.)*

Aqui a torcida jovem do Grêmio. Vejam que interessante: no peito da torcida jovem do Grêmio, em vez do distintivo do Grêmio, um símbolo nazista.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Sim, do outro também.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Do outro também. E vejam quem são eles: jovens robôs, jovens bonitos, de boa aparência.

Isso também pegamos com o pessoal do Grêmio. Aqui...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Aqui é a bandeira confederada, não é? *(Ininteligível.)*

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Isso, isso. Tínhamos aqui a banda AC/DC, uma banda tradicional, do nosso tempo, Deputado. Só que eles aproveitaram a suástica estilizada. Não sei se dá para vermos. Nós temos uma SS estilizada, onde ele está colocando... Mostramos isso para a direção do Grêmio. Na época, eu procurei o Presidente Paulo Odone para mostrar isso a ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Onde está a SS estilizada? **(Não identificado)** - Está aí, ó.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Aqui?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - AC/DC. Talvez, na próxima fotografia apareça melhor.

Dá para ver melhor agora, Deputado? Quer dizer, de forma subliminar, eles estavam usando o neonazismo dentro do Estádio Olímpico.

Soldado alemão com as cores do Grêmio.

Esse mesmo soldado alemão. Aqui ele com as armas.

Esse aí nós apreendemos. Colocaram num *site* deles. Essas armas todas posteriormente nós identificamos. Vejam que tem uma arma enrolada com a bandeira do Grêmio, lá em cima.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Ele está vestido de quê?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Aqui ele está vestido de soldado nazista.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Que ridículo!

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Totalmente. E olha o sorriso dele. Este rapaz aqui já foi preso várias vezes, Deputada. Inclusive, nesse último ataque, 30 dias atrás, ele já foi identificado e está sendo indiciado também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ele foi aceito pelo grupo?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Pelo grupo nazi sim, mas pela torcida geral do Grêmio, não. O que foi relatado pelo representante do Grêmio é verdade. A própria torcida do Grêmio tratou de expulsá-los.

Então, eu vejo assim: um grupo de nazi que tentou instalar-se junto à geral do Grêmio, e lá foram expurgados.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Um grupo que tentou instalar-se? Mas eles já estão há um tempo lá!

O SR. CÉLIO GOLIN - Posso falar um minutinho? A geral do Grêmio (*ininteligível*) recente e cresceu no Grêmio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Fale ao microfone, por favor, e diga o seu nome, por gentileza.

O SR. CÉLIO GOLIN - Meu nome é Célio Golin. Sou do movimento *gay* Nuances, de Porto Alegre. Também acompanho essa questão.

Em relação à torcida do Grêmio, eu também frequento o Estádio Olímpico; sou gremista. A torcida do Grêmio cresceu. É uma questão mais política. É evidente que, como ela cresceu muito, há uma disputa política de vários setores da sociedade pela torcida. Na própria direção do Grêmio há divisões internas em relação a essa disputa. E também é evidente que, com essa disputa, surgiu esse grupo que se implantou dentro da torcida, porque é um torcida extremamente jovem, recente, para tentar, digamos, ganhar apoio. Então, é uma torcida que está em disputa por vários setores da sociedade, não só pelos neonazistas.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Não, Célio. Veja, até o pessoal do Grêmio já depôs. A gente entende. Ninguém está dizendo que a torcida do Grêmio é toda feita de *skinheads*. O que eu disse e faço questão de repetir foi que, em vários momentos, aparece essa questão. E é um alerta para o Grêmio e para as outras torcidas. No Grêmio está aparecendo muito isso.

O SR. CÉLIO GOLIN - Não, é evidente. Tanto que mostra ali aquela questão da faixa AC/DC e tal. Mas antigamente sempre tinha uma bandeira da Alemanha junto com alguns torcedores, por exemplo. É evidente que eles se infiltram nesses espaços.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Eu queria mostrar esta foto para os senhores terem noção da gravidade das lesões. Este é o rapaz de 2005. Foram 2 rapazes agredidos, um em 2005, outro em 2007. O de 2007 é referente àquele inquérito que teriam dito que foi arquivado. A mim isso surpreende, porque eu indiquei por homicídio na forma atentada, não para colocar numa vara qualquer. E não digo isso como menosprezo. Quero apenas me referir às outras varas do crime.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - O senhor indiciou por tentativa de homicídio?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Sim, indiquei por tentativa de homicídio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas eu acho que ele não está levando em consideração o seu procedimento. O que ele informa aqui é que, na Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos, eles

determinaram o arquivamento, quanto ao potencial dano coletivo ou difuso da cidadania pelo noticiado fato. Na verdade, deve estar tratando da questão do Estatuto do Torcedor.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - O senhor acha que isso é um dano coletivo difuso?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eu não tenho a menor dúvida, por isso o meu questionamento sobre por que o Ministério Público não adotou as medidas que deveria adotar.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Aqui eu tenho algumas fotos das lesões. Esse rapaz teve atingidos o fígado, o baço... As fotos não estão boas porque foram tiradas com celular.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Esse rapaz (*ininteligível*) com punhal?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Sim. Hoje eles não estão mais usando punhal. Eles estão usando esses estiletes que usamos em escritório para cortar papel, aqueles que a gente vai usando e quebrando as pontinhas. E a gente tem isso como um ato covarde, porque não foi uma pessoa que agrediu, por exemplo, esse rapaz. Foram vários. Esse rapaz, especificamente, tentava se esconder embaixo de um carro, e eles o puxavam pelas pernas e chutavam a cabeça dele. (*Pausa.*)

Claro que nós tampamos o rosto, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E a agressão a esse se deveu a que fato?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Esse é um dos casos a que estamos nos referindo, que foi arquivado.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - O da Cidade Baixa?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Da Cidade Baixa.

(*Intervenção fora do microfone. Ininteligível.*)

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Isso. Era o 4.448 e...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Que usavam...

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - O kipá.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - ...o kipá.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - É isso aí.

Eu vou colocar uma série de fotos agora e gostaria que os senhores entendessem que vão ser passadas muito rapidamente, por motivos óbvios.

Mas para os senhores terem uma noção do...

(*Intervenção fora do microfone. Inaudível.*)

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Vamos colocar as da apreensão primeiro, então. (*Pausa.*)

Deputada, a senhora pediu para ver o material apreendido. Então, vamos passar aqui. Algumas obras será fácil identificar. *Mein Kampf* em todos. Quase todas as casas das células a que a gente chega tem uma cópia do *Mein Kampf*.

Plínio Salgado, em muitos deles.

Veja lá o RS...

(*Intervenção fora do microfone. Inaudível.*)

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Vejam o RS na camiseta lá do fundo.

Esse rapaz chegou a colocar uma moldura em volta do livro do Hitler, o *Mein Kampf*, e colocou aqui: "Papai".

Aqui os livros conhecidos.

Esse tipo de material é apreendido sempre nas células. Sempre se encontra alguma coisa. Por menor que seja a quantidade, alguma coisa sempre é apreendida.

Aí são eles no sul.

Ali é a Força Branca. Esse punho cerrado para cima significa Força Branca.
(Pausa.)

São muitos livros. Esse material está todo relacionado, todo catalogado, afinal de contas são 8 anos trabalhando em função disso. Esse material eu tenho usado, Deputado, na Academia de Polícia. Eu tenho usado em aulas que dou para os delegados, para eles tomarem conhecimento da realidade do Rio Grande do Sul, para não serem tomados de surpresa quando chegarem a uma cidadezinha lá longe.

A cruz de ferro sempre presente também.

Vejam ali: "Papai". É um absurdo, não é?

Essa é a cruz celta a que me referi anteriormente. Um símbolo de religiosidade na época, na Irlanda, e que posteriormente a Ku Klux Klan adotou como um símbolo de força. Hoje eles estão usando muito a cruz celta, que é usada como símbolo de apresentação deles.

Aliás, o símbolo nazista, com esse "S" virado dessa forma, é exatamente o contrário da sua origem. A origem é o inverso. O inverso simboliza cristandade, amor, paz espiritual. Os esotéricos de Hitler, na época, acharam que invertendo esse "S" daria força, daria velocidade às ações. Enfim, seria uma forma de evolução do nazismo, porque, afinal de contas, segundo eles, o objetivo era o melhor possível. A intenção era um mundo melhor, era limpar o mundo.

Aqui estão as últimas. (Pausa.)

Plínio Salgado.

E se eventualmente eu desafio um deles para conversar sobre o tema, eles não se assustam; eles vêm para a conversa. Por isso, como disse o jornalista da *Gaúcha*, como nós conversamos muito, eles me respeitam, porque acham que já estou sabendo mais sobre a origem deles do que eles mesmos.

O coturno, o poder. Existem algumas fotos com o coturno pisando em cima do globo. "*Nós estamos acima do mundo. Nós somos a força*". Vejam os senhores como temos material apreendido.

Esses vamos colocar mais rápido agora, por motivos óbvios.

Isso que vai ser mostrado é um pouco do material de que dispomos, que inclusive serve de instrumento para nossas investigações e para as nossas pesquisas também.

Eu sempre ressalvo que esse tipo de trabalho que estamos fazendo não é um trabalho de investigação comum de polícia, não é um trabalho de investigação de polícia judiciária, é um trabalho basicamente de inteligência, de habilidade intelectual e, acima de tudo, de jogo com eles. A mim me preocupa muito quando, eventualmente, eu tenho que dar uma entrevista, porque essa entrevista também pode servir de instrumento de informação para o outro lado. Então, é sempre uma sutileza.

Essa foto pode deixar um pouquinho mais, mas as outras vamos passar mais rápido.

Dá para ver as armas ali? (Pausa.)

Essas fotos nós aprendemos na Casa de um deles.

Essas são as camisetas que eles estão vendendo aqui em Porto Alegre.

Esse é um movimento internacional que se iniciou na França. Vamos notar

muito a existência dele hoje no Brasil.

O Blood, sangue e honra. Os rostos não dá para ver direito. Isso é ótimo. Esse foi um treinamento de tiro que eles fizeram um dia desses com os armamentos que eles estavam usando. Observem que, dependendo dos tiros que davam com a arma, eles faziam anotações.

Esse é o treinamento deles.

Aqui aparece a silhueta de um dos mais conhecidos do Rio Grande do Sul, talvez um dos líderes (*ininteligível*). Deixamos assim, até porque precisávamos trazer a uma audiência pública. (*Pausa.*)

Isso é em Santa Catarina.

Gostaria que fossem vistos alguns instrumentos que eles estão manuseando. Deu para ver na mão esquerda? Muitas dessas pessoas são conhecidas, indiciadas e denunciadas.

Isso é em Viamão, talvez uma das maiores células que temos no Estado. Esses 2 rapazes aqui são os autores do crime desse inquérito a que me referi. Um deles escreveu a seguinte frase na barriga: "*I hate your face*". Ou seja, eu odeio o seu rosto, eu odeio a sua cara, enfim, eu te odeio.

Esse da esquerda é o que estava com a camiseta do grêmio e que mostramos anteriormente.

Esse já foi preso várias vezes. Já estive no presídio algumas vezes.

Esse aqui, cada vez que é preso, eu digo: "*Tu de novo, cara!*" "*Pois é, delegado, pois é.*"

Isso é em Santa Catarina.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Esses já estão presos ou não?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Vários desses foram presos e estão respondendo ao processo em liberdade. Passaram 40, 50 dias no presídio. Seguramente, a grande maioria deles está identificada.

Esse é o pessoal que matou no Paraná, onde eu estive há 15 dias.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ele é funcionário da Camargo Corrêa?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Ele era funcionário da Camargo Corrêa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Foi demitido?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Não sei se foi demitido. Mas acho que, nessas circunstância, o Ricardo Barollo deve ter sido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E por que ele foi solto?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Olha, Deputado, eu tenho isso engasgado também. Nem eu, nem o delegado que trabalhou no Paraná, nem o Promotor do Paraná entendemos isso. São essas coisas que nos surpreendem. Esse camarada jamais...

Aí está ele. Deixa eu colocar a mão aqui na frente. (*Pausa.*)

Esse é o Zé Louco. Sabem o que é isso que parece sangue? É vinho. Ele quebrou uma garrafa de vinho na cabeça para mostrar que ele era macho. Esse é o Barollo. Os senhores não conseguem imaginar a dor, o sentimento que ficamos quando soubemos, semana passada, que ele foi liberado. O Barollo é conhecido nacionalmente, foi capa da *ISTOÉ*. O senhor pode acreditar que nós estamos indignados com isso.

Ele mandou matar, ele buscou as armas. O instrumento que ele está usando para mandar matar é ameaçar matar a família das pessoas. Observem os senhores que não estamos mais lidando com aquela fase, como foi dito no

início, de pichação. Não estamos falando de pichação, não estamos falando de panfletagem. Estamos falando de morte. Eles não vão pegar essas armas todas para brincar, passar o dia inteiro tirando fotografia com essas armas. Uma hora dessas eles vão agir.

Graças a Deus, demos sorte. Aliás, acho que não foi só sorte, foi muita competência do pessoal que trabalha nessa atividade junto conosco. Conseguimos o máximo, o sonho de qualquer polícia do mundo: prevenimos, evitamos e desmontamos as células dessas pessoas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Qual a profissão desse Barollo?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Ele era técnico de um departamento. Não sei dizer exatamente qual.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ele tem título universitário?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - É administrador.

Para o senhor ter ideia, esse camarada financia, para aqueles que estão sendo recrutados: curso de informática; curso de eletrônica, até porque muitos deles têm de ter conhecimento de eletrônica para montagem de bombas. Ele financiou o primeiro encontro deles num sítio, em São Paulo, o qual estamos identificando agora, onde aconteceu uma solenidade de iniciação...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Isso é compatível com a renda dele?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Absolutamente não. Inclusive, ele financiou advogado para aquele rapaz que nós prendemos algumas vezes.

Então, temos uma rede muito forte vinculada a esse Barollo. No primeiro momento, todo o mudo o via como o grande líder, o grande movimentador no Brasil. Eu já não o vejo dessa forma. Eu o vejo como um instrumento. Não posso vê-lo de outra forma, senão como um instrumento. Ele não teria como mobilizar as pessoas.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Não é dinheiro dele.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Não é dinheiro dele. Passagens para cursos, passagens para encontros, tudo isso ele financia.

Ainda há algumas coisas que podem ser mostradas.

As operações já foram, não é? Então, vamos mostrar 2 treinamentos deles. Esses treinamentos não aconteceram. Pelo menos, não temos conhecimento se já estão acontecendo dessa forma no Brasil. Mas esse material foi apreendido na casa de um deles.

Que eles fazem treinamentos de luta, de combate, não tenho dúvida. Eles dizem que sempre que forem para a rua têm de estar (*falha na gravação*). Então, para fazer parte do movimento *nazi-skin* tem de praticar algum tipo de luta marcial: judô, karatê, kung-fu, vale-tudo, enfim, luta de rua. Eles têm de estar preparados para isso. Eu acho que eles se "bombam" muito, porque alguns deles que conheci magrinhos, há 2, 3 anos, hoje estão uns monstros. Têm os braços enormes e são tapados de tatuagens.

Aqui é um treinamento de combate de 2 nazis. Observem a técnica de judô que esse de preto vai usar. Ele vai dar uma virada e pegar o outro.

Estamos assistindo a tudo isso em silêncio, mas há uma gritaria muito grande em volta. Eles estão gritando: "*Faz! Bate!*" Estão incentivando.

Observem a força que ele tem.

Temos aí algumas cenas em que um grupo de *skins* fica distante de um outro grupo uns 10 metros, então vêm correndo uns contra os outros e se

engalfinham no meio do campo. Isso é treinamento. *(Pausa.)*

Vamos mostrar agora treinamento de tiro.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Eles estão mostrando aquilo?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Eles estão mostrando. E é uma coisa que eles negam. Essa é uma propaganda que eles fizeram deles mesmos. Eles se entrevistam - isso nós conseguimos na casa de uma dessas células que abordamos - e mostram como eles têm que crescer. A cruz celta está lá no fundo. Observem o orgulho dele mostrando.

A força deles é na Europa. Na Europa, há um grande líder, chamado Mário Malvado, que lidera o um movimento nazi em Portugal.

Aí estão eles desfilando. No Brasil, isso é crime. Nós temos uma lei específica, a Lei nº 7.716, de 1989, que diz, no art. 20, § 1º, que é crime fazer divulgação do nazismo. Temos essa legislação. Há algum tempo, eu ficava preocupado porque não tínhamos exatamente como tipificar a ação deles. Hoje já temos. Temos uns 10 verbos ali que nos ajudam: vender, negociar, fabricar, produzir, expor material nazista. Pena: de 2 a 5 anos.

Então, todos esses crimes que estão acontecendo, como foi dito anteriormente pela Polícia Federal, são de competência da polícia estadual. Mesmo que nós tenhamos vínculos com outros Estados, no caso de roubos, de assaltos, nós também trabalhamos em parceria com o pessoal de Santa Catarina, com o pessoal do Paraná. Tanto que, há pouco, eu estive no Paraná, reunido com o pessoal de lá e com o pessoal de São Paulo, tratando desse assunto. Esse material foi mostrado para eles, porque eles não tinham exatamente a noção do problema.

Quando a Justiça Federal pediu para devolver o processo encaminhado pela delegada, a Justiça estava correta. Afinal, quais são os crimes arrolados: tentativa de homicídio, formação de quadrilha, segregação racial, crimes da competência da Polícia Civil. Mas nada impede - e eu pediria isso, sim, com muito prazer - que a Polícia Federal nos ajude, seja no que for. Eu não sei se o pessoal da Polícia Federal ainda está aí, mas seria muito prazeroso receber deles informações, orientações e parceria para trabalharmos juntos. Não obstruo nada, de forma nenhuma, até porque o inimigo está aqui. Esses temos que pegar. Temos que ser parceiros.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - É que a nossa preocupação, delegado Jardim, é com o conjunto dos Estados. Então, ainda que possa haver um trabalho sendo desenvolvido, rigoroso e muito positivo, que estamos tendo a oportunidade de analisar, em parte, porque, certamente, é muito complexo...

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Sim. Seguramente, algumas coisas não poderiam ser mostradas...

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - ...nem todos os Estados, talvez, dispensem a mesma atenção ao problema. Então, conseguindo que um corpo federal dê alguma atenção ao caso, nós podemos ter a porta aberta para as polícias dos Estados de outras regiões.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Com certeza. Eu acho o apoio da Polícia Federal excelente, porque vamos juntar nossas forças. Mas, independentemente disso, podemos montar uma grande reunião entre o pessoal, como fizemos agora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Claro!

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - A delegada de São Paulo foi ao Paraná, porque ela não conhecia a realidade do sul, no sentido do que poderia

acontecer lá. Em São Paulo há 2 ou 3 torcidas -- já estou fornecendo informações aos senhores -- vinculadas ao neonazismo. As autoridades já têm identificado isso, em São Paulo. A delegada tem esse material.

Eu acho que nós colocamos bastante conhecimento. Além disso, nós temos os símbolos raciais e, talvez, as tatuagens. Mas eu falo das tatuagens sem o material.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem são os delegados de São Paulo e o do Paraná?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - O delegado do Paraná é o Dr. Francisco Caricati; a delegada de São Paulo é a Dra. Rejane, extremamente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ambos da Capital?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Como?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ambos da Capital?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Ambos da Capital.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em Santa Catarina, há alguma coisa, também, Dr. Jardim?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Nós temos alguns informes relativos a Santa Catarina, mas não com essa contundência dos outros Estados.

Uma coisa importante que eu gostaria de mostrar aos senhores é que nesse estudo, nessa pesquisa que temos feito, todas as técnicas são válidas. Esse é um estudo que a polícia do Rio Grande do Sul fez em relação às tatuagens. A primeira coisa que faço quando prendo um deles - o senhor é da polícia e sabe como funciona - (*ininteligível*), porque, vendo as tatuagens no corpo, eu sei o grau hierárquico, assim como a passagem e o histórico deles. Por exemplo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Aí vai mapeando, vai fotografando essas tatuagens?

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Por exemplo, Deputado, se ele tem essa teia, já sei que ele foi preso; se ele tem um Cristo crucificado, eu já sei que ele matou. Cada um deles conta o seu histórico. Esse material, inclusive, eu mostro para os delegados, na Academia de Polícia, para que eles, também, quando das prisões, no interior do Estado, saibam identificá-los. É que os homicídios costumam ser praticados com muita violência, com muita brutalidade. É só dar uma olhadinha no autor e, daqui a pouco, o senhor encontra um símbolo desses aqui, e aí nós vamos encontrar algumas explicações.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Interessante isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Delegado Jardim, nós agradecemos ao senhor essa apresentação e o excelente trabalho que vem realizando no combate a esse crime organizado - na verdade, é uma criminalidade organizada -, que está aí para disseminar o ódio, a segregação e que não pode encontrar guarida em nosso território. Então, nós o parabenizamos por esse trabalho.

Nós da Comissão solicitamos a V.Sa., se puder, que nos encaminhe a cópia desses CDs, para que façam parte do nosso relatório.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Esperamos contar com o seu apoio. Estamos aqui para apoiá-lo no que for necessário, naquilo que o senhor precisar para realizar o seu trabalho. Queremos fazer isso de forma integrada.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - E com a Deputada Maria do Rosário aqui do

lado fica mais fácil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Razão pela qual, inclusive, escolhemos 2 bons Deputados do Rio Grande do Sul e que têm experiência nessa área de defesa dos direitos fundamentais e dos direitos humanos.

Agradecemos a V.Sa. o trabalho.

Deputada Maria do Rosário, tem mais uma pergunta a fazer?

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Quero apenas reiterar o nosso agradecimento e respeito pelo trabalho desenvolvido por V.Sa. e pela sua equipe. V.Sa. demonstra sempre muito compromisso com a Justiça, com o que é correto, com a lei, com o País. Acredito que no desenrolar dos nossos trabalhos talvez seja necessário, inclusive, voltarmos a consultá-lo...

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Pois não.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - ...de forma que teremos no senhor e na sua equipe uma espécie de consultoria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Permanente.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - ...diante das contribuições e do estudo desenvolvido sobre esses símbolos e essas possibilidades.

Delegado Jardim, proponho ao colega Marcelo Itagiba que, como Presidente, registre junto ao Secretário de Estado de Segurança a importância do trabalho que está sendo desenvolvido aqui. Deixamos, dessa forma, as portas abertas, para que, em outro momento, o senhor possa estar conosco, no final dos nossos trabalhos, dependendo do Presidente. Mas eu tenho certeza de que V.Sa. contribuirá bastante.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Muito obrigado, Deputada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Até ficaria uma sugestão aqui, Deputada Maria do Rosário, no sentido de que, já que o Dr. Jardim reúne tanta *expertise*, nós pudéssemos, além de agradecer a ele e parabenizá-lo pelo trabalho junto ao Secretário de Segurança Pública, solicitar a S. Exa. um empréstimo do delegado, para que nos acompanhe em algumas das diligências que vamos realizar.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Eu me coloco à disposição, se os senhores acharem interessante, inclusive para conversar com os colegas. Notei que nossos colegas de São Paulo e do Paraná precisam disso. Esse ataque no Paraná aconteceu recentemente, e o nosso colega Caricati estava meio desatualizado. Mas nós tivemos muitas conversas.

Acreditem, Srs. Deputados, eu estou gostando muito desta Comissão, desde quando soube da sua instalação. Está na hora de as pessoas se preocuparem, porque, acreditem - não vou fazer nenhuma tragédia -, nós evitamos, há pouco tempo, uma possível catástrofe aqui, no Rio Grande do Sul. Nós temos convicção disso. Nós chegamos a apreender as bombas. Aquelas bombas seriam usadas para quê? As pessoas têm que se preocupar, e o pessoal da Federação também está bastante preocupado com isso. Eu me sinto, assim, prazerosamente satisfeito, porque estou vendo os senhores preocupados com a mesma luta em que nós estamos há 8 anos.

Hoje eu leio Blavatsky, estou fazendo curso de Teosofia, porque uma coisa...

Eles podem não ficar muito tempo preso, mas eu ganho deles no papo, sabe, na argumentação filosófica sobre nazismo, sobre esoterismo, sobre as origens da Segunda Guerra, sobre a vida pessoal do Hitler. Eu estudei muito isso.

Então, eu tenho condições de dialogar com eles. O respeito é a forma como lidamos um com o outro. Eles são presos, eu digo: "*Tu estás indo para a*

cadeia, mais uma vez, por isso, por aquilo". "Tudo bem, delegado. Mas o que o senhor tem lido, delegado?" Eu digo: *"Ah, eu tenho lido tal coisa. E tu?"* Sabe, é uma coisa bem interessante, nos últimos anos. Eu agradeço, então.

Eu gostaria de fazer justiça: agradeço pelos cumprimentos que a Polícia Civil está recebendo e quero cumprimentar os nossos policiais, os policiais da 1ª Delegacia. Alguns deles não estão presentes, mas de forma anônima estão correndo riscos também - nós sabemos de alguns riscos -, porque são abnegados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Estenda os cumprimentos que fizemos ao senhor a toda a sua equipe.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eu pedirei agora ao Dr. Isidoro de Souza Rezes, do Movimento LGBT, nosso último inquirido da noite - último, mas nem por isso menos importante; talvez o mais importante -, para que faça sua exposição, tendo em vista que, pelo que podemos verificar, essas questões não envolvem apenas os judeus, mas também outras minorias. Aliás, como Hitler também o fez, quando levou à morte não apenas judeus, mas também homossexuais, ciganos e integrantes de determinadas denominações religiosas.

Lamentamos não termos tido a oportunidade de convidar alguém do Movimento Negro, que também poderia aqui estar para falar a respeito dessa questão que também diz respeito a eles.

Com a palavra V.Sa., para sua manifestação, pelo prazo de 20 minutos.

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Boa tarde. É um prazer conhecê-lo pessoalmente, porque antes só o vi pela televisão.

Com a Deputada Maria do Rosário já debatemos. Aliás, já tivemos vários momentos juntos. Agora, não como nas outras vezes, em que estava tímido, como eu sempre fui, estou um pouco mais seguro.

Quero só fazer uma correção, porque na verdade não sou doutor, sou só pós-graduando.

Eu sou do Movimento LGBT do Rio Grande do Sul.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eu vou evitar de fazer um comentário, porque a Deputada Maria do Rosário está aqui.

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Por favor, pode fazer. Fique à vontade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não, não, é uma brincadeira sobre doutorado, por causa de uma colega de partido da Deputada. Vou evitar fazer.

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Pode fazer. *(Pausa.)*

Falando em brincadeira, hoje me ligaram para confirmar a minha presença, e eu vi meu nome no *Zero Hora* e no *site* do *Zero Hora*. Aí eu não tive dúvida e disse: *"Socorro, vou ter que mudar de País"*. Aí todo o mundo caiu na gargalhada, lá na Câmara, em Brasília, porque, se eu, que estou acostumado a me expor, no Rio Grande do Sul, desde 1995, senti esse impacto, tendo meu nome no jornal, no *site*, imagine uma pessoa comum aí fora.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - O que aconteceu, Isidoro? Conte para nós.

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Sobre o meu nome no jornal?

Eu recebi o convite para estar aqui hoje. Aí me ligaram para confirmar a minha presença aqui. Só que eu já havia entrado no *site* do *Zero Hora* para ver a temperatura, aquela coisa toda, e vi meu nome lá. Comprei o jornal *Zero Hora*,

e meu nome estava no *Zero Hora*. Então me ligaram para confirmar. E eu disse: "Socorro, vou ter que mudar de País, porque agora serei perseguido aqui."

Porque ali tem todos os meus dados, inclusive no *site*, até os dados residenciais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - No *site* da Câmara?

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Não, no *site* do *Zero Hora*, o jornal daqui.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - O *Zero Hora* pôs o endereço?

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - No *site* deles, sim; aqui, não. Meu nome, sim.

A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO - Nossa!

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Bom, não me estenderei muito. Todos já falaram bastante. Está cansativo para todo o mundo, não é? Eu estou desde as 13h aqui.

Eu sou do Movimento LGBT e tenho um histórico desde 1995.

Sou o primeiro a ter união estável com outro homem no Brasil. Então, mesmo que eu quisesse matar uma liderança que há em mim, uma referência - a Deputada sabe -, eu não conseguiria. Tanto que me convidam para tudo. Para não matar essa liderança, quando precisam de mim, estou sempre pronto a ajudar, e vai ser sempre assim.

Como disse, sou pós-graduando da PUC em Responsabilidade Social. Fui integrante da primeira Conferência LGBT do Brasil e integrante da Comissão Organizadora, pelo Rio Grande do Sul, da Conferência dos Direitos Humanos. Em termos de processos de homossexuais no País, eu e meu companheiro fomos pioneiros em outros 4 no Brasil.

Para adiantar, vi que no material existente no CD do delegado da Polícia Civil já me sinto contemplado, porque em cada Parada LGBT, em Porto Alegre, é farta a distribuição de material gráfico ou até mesmo pichações em cima do material da divulgação da própria parada.

O que é a Parada LGBT? Todos sabem. Não preciso ficar falando muito. Mas ela não visa só a festa. Ela visa dar visibilidade a um grupo historicamente excluído.

O senhor disse que não convidou representantes do Movimento Negro, mas fui do Conselho Municipal de Direitos Humanos até 25 de fevereiro. Meu mandato durou 2 anos. Senti aqui a falta de mais pessoas dos movimentos sociais. Mas, na condição de integrante do Conselho Municipal de Direitos Humanos, sinto que os represento aqui, também pela minha ascendência indígena.

Eu só queria lembrar que, em 2005, fui um dos organizadores da última edição do Fórum Social Mundial em Porto Alegre. A Deputada se lembra. Para nós aquilo foi muito marcante. Só no acampamento da juventude foram 30 mil pessoas, todos com barracas. E ali eram constantes as ameaças de *skinheads*. Nós dormíamos em cadeiras, porque tínhamos que ficar atentos durante todo o Fórum Social Mundial. Acho que esse foi o único fato a que ninguém fez referência. Nas edições do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, havia constantes ameaças. Lembro-me de que todas as noites dormíamos em cadeiras. Quando um dormia, outro tinha que ficar acordado.

São constantes os registros de agressões. Nos últimos 10 dias, 3 travestis, no Paraná. As pessoas mais visíveis são os travestis. Agora começaram com as lésbicas também. Eu acho que quanto mais a pessoa se expõe mais ela está

ameaçada. Eu mesmo, quando vou a alguns restaurantes em que costumo almoçar, vejo o tratamento diferenciado quando estou numa mesa e há um *gay* ou uma *lésbica* em outra. "Ah, não! Tu não aparentas!". "Ah, e se eu quiser chegar aqui de vestido e salto, porque eu quis vir de vestido e salto, aí tu vais me discriminar?"

O Rio Grande do Sul tem esse histórico de colonização italiana, alemã, mas eu fiz uma pesquisa nesse material que a Deputada tem - eu também tenho. Acho que também entra na questão a cultura e a educação do povo. Só de analisar os sobrenomes de todos os indiciados dá para ver que não tem nenhuma raça pura. No Brasil há sangue de todas as raças. Houve muita miscigenação.

Assino embaixo que, se eles pregam mais uma raça pura, não existe mais esse ideal.

Acho que era isso. Se eu me estender mais, será só para repetir o que já foi dito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Acho que seria importante, se o senhor pudesse... Talvez chegue ao seu conhecimento coisas que muitas vezes não chegam ao conhecimento nem da polícia, pelo menos formalmente, nem dos Deputados. Então, se chegaram denúncias de agressões, de perseguição desses grupos a homossexuais, fatos que o senhor tenha tomado conhecimento, pode esclarecer a Comissão.

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Quando homossexual, *gay*, *lésbica*, travesti vai a uma delegacia, geralmente não se identifica. Geralmente, ou caiu numa calçada, ou bateu num poste, ou ele mesmo se bateu, mas nunca vai dizer que apanhou de alguém. Ele não se identifica como homossexual, porque ainda vivemos o estar dentro ou estar fora do armário, como se costuma dizer. O delegado sabe disso.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Por favor.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Eu coordenei uma operação durante o Fórum Social Mundial na qual nós prendemos - a palavra é prender - 45 *punks* e conseguimos apreender 33 coquetéis *molotovs*, várias bombas incendiárias e vários estiletes. Isso foi amplamente divulgado pela mídia internacional, até porque se tratava do Fórum Social Mundial. Então, não aconteceu nenhuma catástrofe no acampamento da juventude, onde havia 30 mil pessoas, porque a Polícia Civil, graças a Deus, conseguiu abortar esse tipo de ação. Realmente, ia acontecer, mas nós prendemos todos, graças ao nosso trabalho. Lembra-se de como foi divulgado isso?

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Realmente foi isso. Havia uma constante tensão na cidade. Nós vivíamos sob tensão naquelas noites.

Eu só queria lembrar um fato. Falou-se muito na Cidade Baixa.

O SR. PAULO CÉSAR JARDIM - Desculpe-me a interferência.

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Não, obrigado. Fique à vontade. Por favor, fique aí.

Falou-se muito sobre a Cidade Baixa. Desde que vim de Santa Maria para cá, acompanho a Cidade Baixa, onde moro há 19 anos. Como Conselheiro Municipal dos Direitos Humanos, várias vezes, participei de audiências públicas ali. Fiz e faço relatos para os Vereadores de Porto Alegre sobre a questão do ambiente tenso no bairro. Até hoje nenhum Vereador, de partido algum, respondeu-me um *e-mail* para dar um oi. E isso porque eu coloquei lá o que já fiz e o que já fui. Nenhum Vereador respondeu um *e-mail* para dar um oi. E são

Vereadores que me conhecem. Eu nunca votei nulo nesta cidade. Na minha história de vida, nunca votei nulo. Quando penso em votar na próxima eleição, digo assim: *"Mas que falta de consideração comigo, porque fico escrevendo 10 páginas e não dão um oi sobre um bairro que está sob tensão, um bairro que quer estender o centro"*. Conheço muito bem a briga do bairro com os portais da cidade, além de toda a questão da droga que circula no bairro.

Sou apaixonado pela Cidade Baixa, um bairro boêmio - o Deputado não o conhece. Jamais mudaria dali. Acho que é possível conviver de forma harmônica, mas tem que ter um acompanhamento - o delegado saiu - de perto, porque o bairro vive em constante tensão. Na Cidade Baixa e no Bonfim é onde acontece e aconteceram as perseguições a judeus e a homossexuais. E lá a faixa etária que transita é na maioria de jovens.

Era isso. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Muito obrigado. Agradeço a presença, a atenção e por ter ficado aqui até o final para nos dar informações importantes, especialmente sobre essa questão desse bairro, porque é lá que as coisas estão acontecendo.

Obrigado pela presença.

O SR. ISIDORO DE SOUZA REZES - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nada mais havendo a tratar, vou encerrar a presente reunião, não sem antes registrar os nossos agradecimentos ao Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, que possibilitou que esta audiência fosse aqui realizada.

Determino ao Sr. Secretário da Comissão que prepare um ofício para ser encaminhado ao Presidente da Assembleia com os nossos agradecimentos. Está encerrada a presente reunião. A próxima se dará em Brasília, em data a ser agendada.

Muito obrigado, Deputada, pela sua presença, pelo seu trabalho, pela sua cooperação, pela sua competência, por sua amizade.